

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

JULIANA RIBEIRO DA SILVA

CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONCEITO DE FELICIDADE NA HISTÓRIA DO
PENSAMENTO ECONÔMICO

CURITIBA

2016

JULIANA RIBEIRO DA SILVA

CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONCEITO DE FELICIDADE NA HISTÓRIA DO
PENSAMENTO ECONÔMICO

Monografia apresentada ao Curso de Ciências
Econômicas, Setor de Ciências Sociais
Aplicadas, Universidade Federal do Paraná,
como requisito parcial a obtenção do grau de
Bacharel em Ciências Econômicas.

Orientador: Prof. Rodrigo Leite Kremer

CURITIBA

2016

TERMO DE APROVAÇÃO

JULIANA RIBEIRO DA SILVA

CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONCEITO DE FELICIDADE NA HISTÓRIA DO PENSAMENTO ECONÔMICO

Monografia aprovada como requisito parcial á obtenção do grau de Bacharel em Ciências Econômicas, Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:

Orientador: Rodrigo Kremer
Setor de Ciências Sociais Aplicadas
Universidade Federal do Paraná

Professor:
Setor de Ciências Sociais Aplicadas
Universidade Federal do Paraná

Professor:
Setor de Ciências Sociais Aplicadas
Universidade Federal do Paraná

Dedico este trabalho a Luan Gomes
Brasil, que desde sempre acreditou no
meu potencial como escritora e me
emprestou inúmeros livros durante todo o
período acadêmico.

RESUMO

A felicidade é um tema à muito tempo em discussão, não apenas na área econômica, mas também em vários outros campos da ciência, a busca pela felicidade, a satisfação das necessidades, o bem estar, a busca pelo prazer, todos esses são temas que versam sobre a busca humana pela felicidade. Essa monografia tem como objetivo fazer algumas considerações sobre o tema felicidade, visto por várias óticas econômicas ao longo da história do pensamento econômico.

Palavras-Chave: Felicidade, Bem estar, Prazer, Desenvolvimento, Liberdade, Acessibilidade.

ABSTRACT

Happiness has long been the subject of discussion, not only in the economic area, but also in many other fields of science, the pursuit of happiness, the satisfaction of needs, well-being, the search for pleasure, all these are themes that The human search for happiness. This monograph aims to make some considerations about the theme of happiness, seen by several economic optics throughout the history of economic thought.

Key words: Happiness, Wellbeing, Pleasure, Development, Freedom, Accessibility.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	08
2. FELICIDADE.....	12
3. INTRODUÇÃO HISTÓRICA.....	14
4. FELICIDADE E RELIGIÃO.....	16
5. TOMÁS DE AQUINO.....	20
6. ADAM SMITH.....	22
7. CORDORCET	26
8. JEREMY BENTHAM.....	28
9. JOHN GRAY.....	34
10. SOCIALISMO.....	37
11. CONDE HENRY DE SAINT SIMON.....	39
12. ROBERT OWEN.....	42
13. KARL MARX.....	46
14. WILLIAN STANLEY JEVONS.....	50
15. CARL Menger.....	53
16. ALFRED MARSHALL.....	57
17. AMARTYA SEN	63
18. IDH.....	71
19. FIB.....	74
20. DANIEL KAHNEMAN.....	79
21. CONCLUSÃO.....	84
22. REFERÊNCIAS.....	87

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo principal apresentar uma abordagem do tema felicidade visto pela ótica de autores economistas. Fazendo considerações sobre o tema enquanto o mesmo se desenvolve ao longo da história do pensamento.

No segundo tópico abordamos a felicidade como uma definição, o que define o que é a felicidade, suas formas, suas nuances. Como esta é definida de maneira mais abrangente. No terceiro tópico há uma ponderação sobre qual é o período onde a felicidade pode passar a ser tema de estudo, essa definição mostra que desde o surgimento do homem. Seja este na visão evolucionista ou criacionista, nesta parte do trabalho ocorre um apanhado histórico onde em vários momentos da história é possível perceber que a felicidade é um tema em constante mutação, assim como um tema sempre em voga.

No tópico felicidade e religião ocorre uma descrição de como a felicidade e a fé podem andar de mãos dadas, e de como a felicidade foi influenciada fortemente pela fé. A fé é colocada não apenas como caminho para felicidade como também como a provedora desta, nesta parte do trabalho são apresentados conceitos incitativos, para se pensar sobre as mudanças que ocorreram nos seres humanos ao longo do desenvolvimento do período onde a fé encontrou maiores devotos, e como isso influenciou o comportamento e a busca pela felicidade, assim como a mudança que ocorreu relacionada à definição do que é a felicidade. Neste período se descreve também sobre os conceitos de usura, de amor ao próximo, assim como a felicidade alcançada através da caridade.

A parte sobre Tomás de Aquino, conta sobre a sua vida e obra, além de desenhar a necessidade que a igreja católica teve de tentar reconciliar religião e ciência, Aquino discorre sobre o cotidiano do homem e sobre o comportamento do mesmo, neste ponto da história condenar a usura já não fazia mais parte dos preceitos da igreja católica, desta forma Aquino se torna um conciliador, muito da felicidade das pessoas na época de Aquino, estava fortemente ligada à religião.

Adam Smith como pai da ciência econômica, merece destaque merecido neste trabalho, sua história de vida mostra uma longa linha de estudo, ao escrever sobre a pobreza e a riqueza das nações, inaugura assim as bases para a economia,

mas em sua teoria dos sentimentos morais é que ele descreve sobre o ser humano, sobre a felicidade e sobre as nuances de solidariedade, se apegando ao otimismo de um ser humano bom e louvável, levado a escolher a caridade por empatia. No entanto em “A riqueza das nações” Smith fala sobre a inutilidade de esperar apenas pela benevolência e sobre como o homem estaria sempre interessado em o que pode provir de uma parceria com outro indivíduo também produtor de algo. As necessidades de trocas dos indivíduos assim como sua vontade de satisfazer algumas necessidades são colocadas por Smith como o elo de ligação, entre esses indivíduos visando criar a sociedade, fazendo assim parte dela.

O capítulo sobre Condorcet apresenta uma breve história sobre a vida e a obra do Marques de Condorcet, este marques era um defensor do direito das mulheres assim como era um defensor do ensino, suas obras são de complicado acesso, desta forma grande parte do conteúdo desta seção são conclusões tiradas a partir de aforismos que são denominados de Condorcet. O autor propõe um modelo para promover a instrução pública, assim como protocolou no senado um pedido de reforma da educação.

Na seção de Jeremy Bentham, além de uma breve apresentação sobre sua história e obra, cita-se o desenvolvimento da teoria do prazer e da dor, nomeada de utilitarista, mas posteriormente renomeada como a maior felicidade, o próprio autor em 1822 acrescenta uma nota em seu trabalho explicando que a palavra felicidade definia de maneira mais precisa seus conceitos. Para Bentham o ser humano sempre buscava a felicidade ou a ausência de dor, segundo o autor existem 4 fontes de prazer ou dor, física, moral, política e religiosa.

Na teoria de John Gray há a defesa do autor pela felicidade como sensação, aguçada pelos sentidos, pelas forças, pelas percepções da vida, Gray entendia que a felicidade era alcançada quando o ser humano alcançava ao menos a capacidade de sanar suas necessidades básicas. Nesta seção também é possível perceber uma discussão relacionada à produção de bens. Nesta seção também é possível vislumbrar a teoria sobre a dependência de uma classe frente à outra, onde a posição dos ricos e mais afortunados é depender dos pobres, servidores uteis as necessidades ostentadas.

O capítulo sobre o socialismo abre uma discussão importante sobre os tipos de socialismo, e como eles se diferem entre si, e em que ponto convergem, a

felicidade parece um tema simples, mas de fato é um tema complexo, neste capítulo a felicidade passa a ser abordada seguindo a linha de pensamento de economistas que receberam destaque.

O próximo escritor que se destaca no desenvolvimento do tema é o Conde Henry de Saint Simon, o conde acreditava no desenvolvimento do ser humano, no desenvolvimento das capacidades e na criatividade humana que levava a criação dos mais ousados objetos assim como das mais lindas artes. Saint Simon era um amante das ciências, esta seção apresenta uma breve análise sobre duas obras deste autor, “A parábola” e “O sonho”, em ambos o que se frisa é o desenvolvimento humano através das possibilidades que capacitam esse desenvolvimento, assim como a utopia de um mundo com possibilidades para todos.

Robert Owen foi um industrial, famoso por sua visão utopista de mundo, criou uma teoria sobre como deveria ser o mundo moral, onde as crianças desde bem pequenas deveriam ser ensinadas a partir de alguns pressupostos, ele desenvolve e aplica a sua teoria, mas culmina em um fim triste, Owen trabalha em prol da felicidade humana, ele acreditava que a finalidade da existência humana era desfrutar da felicidade, a teoria de Owen também gira em torno de moldar um caráter novo, produzir as condições necessárias a produção eram um dos objetivos.

Na seção de Marx consta parte de sua história pessoal de vida, assim como a história de Engels que participou de toda a produção de sua teoria, Marx defende a teoria de que a felicidade estava diretamente ligada à capacidade do ser humano de ter acesso aos meios de produção e produzir. Marx tem uma visão muito terrível sobre o período da revolução industrial, sobre como as pessoas eram tratadas e como eram praticamente escravizadas e miseráveis.

No capítulo de Jevons foi um utilitarista, a economia política que se derivou dele tinha um cunho matemático, ele acreditava que os homens um dia poderiam medir os sentimentos.

No tópico Menger não sofreu influências diretas de outros utilitaristas de sua época, também não revisou seu trabalho sobre economia política nos anos posteriores a publicação, essas revisões sempre eram deixadas para uma próxima época e muito de seu esforço ficou em resolver questões de disputas que ocorriam entre seus estudantes e os pertencentes à escola histórica alemã, no capítulo de Carl Menger é possível ler uma introdução sobre a vida de Menger feita por Hayek.

Alfred Marshall teve uma grande importância no desenvolvimento da história do pensamento econômico, assim como todos os outros autores citados neste trabalho antes dele, como aluno dedicado e professor, durante toda a sua vida se dedicou a vida acadêmica, Marshall foi responsável por conciliar varias teorias dos clássicos, introduzindo o fator tempo. Suas publicações tiveram varias reedições, sua esposa, ex-aluna e também economista, tinha grande participação no desenvolvimento de suas teorias, durante longos anos Marshall ocupou o posto de clássico unânime.

Depois de Marshall ocorreu um grande período da história do pensamento econômico em que o tema felicidade não foi abordado, talvez por alguns economistas acreditarem que o tema já estava resolvido e esgotado. Depois de um grande período histórico a felicidade, o bem estar, se distribuem em duas vertentes diferentes, com Amartya Sen em direção à teoria de desenvolvimento como liberdade e Daniel Kahneman em direção ao entendimento dos funcionamentos da mente humana, essas duas vertentes também são retratadas neste trabalho, Amartya surge com a teoria das necessidades de quantificação do bem estar e da felicidade, enquanto Kahneman se contrapõe a esta ideia mostrando que a racionalidade humana não era tão concreta e esperável.

Para a construção deste trabalho, foram considerados apenas alguns autores, não houve um critério para essa escolha, obras que pareceram relevantes foram escolhidas e citadas, e compreende-se o fato de que alguns autores foram até mesmo negligenciados, mas a ideia central sempre se manteve em conseguir extrair a felicidade dos autores de economia.

Não há neste trabalho a intenção de esgotar o tema sobre a busca pela felicidade, isso seria impossível, já que o tema continua em desenvolvimento enquanto houver seres humanos sobre a terra, (ou talvez mesmo após, dependendo de que nível chegará o desenvolvimento animal), a busca pela felicidade sempre será um tema em mutação, e com inúmeras nuances, cada qual mais atrativa e convidativa a um desenvolvimento mais específico do tema, a busca pela felicidade sempre estará entre nós. Desta forma, o objetivo ao desenvolver este trabalho de conclusão de curso é compreender mais, sobre este tema.

2. FELICIDADE

O que é a felicidade? Esta é a pergunta mais importante, aquela a qual remonta todo o planejamento deste trabalho de conclusão de curso,

De fato este termo, "Felicidade" é extremamente subjetivo, podemos analisar a felicidade como um dos temas mais complexos da economia. Como definir o que é felicidade? Como mensurar? Como ter parâmetros para aferir? Como distinguir e analisar?

A Felicidade como ponto de partida, torna necessário primeiro definir o que se entende por felicidade, Segundo o dicionário Aurélio, Felicidade é: 1. Concurso de circunstâncias que causam ventura, 2. Estado da pessoa feliz, 3. Sorte, 4. Ventura Dita, 5. Bom êxito. Para John Gray a felicidade é um estado de bem estar, um momento onde o corpo sente-se bem/satisfeito/realizado, ou seja, a felicidade também pode ser entendida como uma sensação.

A complexidade do estudo da felicidade esta no fato de que por definição esta é uma sensação humana, sensações humanas ocorrem em cada indivíduo de forma diferente, mesmo quando os estímulos são exatamente os mesmos. Outro nível de complexidade surge quando se precisam definir quais são os estímulos que levam ao estado/sensação de felicidade. A complexidade também esta em definir como podem ocorrer esses estímulos, quem são os responsáveis por permitir que os estímulos ocorram e quais os resultados desses estímulos.

A Felicidade em si, é um tema econômico que pode receber diferentes nomenclaturas, tais como: bem estar, prazer, capacidades de desenvolvimento. Segundo Alfred Marshall (MARSHALL, 1996, p. 77) a economia é um estudo da humanidade nas atividades correntes da vida, desta forma, a posição da economia como um estudo da humanidade torna seu aprendizado indispensável a qualquer indivíduo, e todos os indivíduos, indiscutivelmente, estão fadados a uma busca incansável pela felicidade, se estamos todos nessa busca, a economia é o estudo da humanidade em busca da felicidade.

Para compreender como a busca pela felicidade se dá ao longo do tempo e como algumas teorias surgem para corroborar essa teoria de busca, é necessário entender quais eram os períodos históricos em que se encontravam alguns dos maiores autores relacionados a este tema. O desenvolvimento da economia como

teoria, passa a ser aceita após Adam Smith, mas antes mesmo que alguém se dispusesse a escrever sobre economia, as pessoas já estavam vivendo a economia e buscando a felicidade. O estudo econômico do comportamento humano passa a ocorrer a partir do momento em que o comportamento humano passa a ocorrer, desta forma é importante que a história seja analisada a partir destas mudanças de comportamento, entender de onde viemos (historicamente), nos ajuda a compreender para onde estamos indo.

Para tentar entender a busca pela felicidade que ocorreu através dos tempos, o enfoque neste trabalho será dado para o desenvolvimento do tema na ótica da economia, as outras óticas como psicologia, sociologia, história, estão de alguma forma ligadas ao tema já que estas também estão relacionadas às vivências humanas. Em alguns momentos é uma tarefa difícil separar até que ponto um assunto está relacionado a um ou a outro campo de estudo, e em outros momentos podemos nos sentir gratos pela união dos vários campos que nos mostram o quanto estudar o desenvolvimento humano é complexo e interessante.

3. INTRODUÇÃO HISTÓRICA

De que ponto se deve partir para falar sobre a busca pela felicidade ? Acredito que o ponto a se partir seria claramente quando o homem passou a caminhar sobre a terra, mas incorreríamos em um problema épico, evolucionistas ou criacionista, caminhar após levantar-se ou caminhar após ser criado por Deus? Para evitar tal assunto, que nunca será unânime, mesmo crendo que falar sobre a felicidade de se alimentar e a felicidade do acasalamento, esta sim unânime, nos primórdios deveriam ser as maiores buscas do ser humano, em um habitat nada propenso a felicidade, ou sobre como a felicidade estava em poder comer do fruto do conhecimento, mesmo crendo que esses seriam temas efusivos para a defesa, partimos de um ponto mais adiante, um ponto em que havia um pouco menos de simplicidade, e um pouco mais de inter-relações humanas.

Começar pelos gregos e romanos seria no mínimo esperado, o início das discussões econômicas, com Aristóteles como o precursor, mesmo que levando muito mais em consideração à ética e a filosofia, do que propriamente a economia, em um tempo em que o comum era a escravidão, as guerras, disputas por território, em um tempo em que não existia salário, nem industrialização, a produção para o comércio de trocas era pequenas, e desta forma questões como a discussão relacionadas à produtividade e relacionadas a formas justas de distribuir a renda simplesmente não existiam, não era estranho ver pessoas sobrevivendo, as custas do que era conhecido como benevolência, os ricos eram ensinados a serem benevolentes com os menos afortunados, enquanto os pobres a serem gratos, em uma época em que, escravos e animais recebem praticamente o mesmo tratamento e mulheres são inferiores e devem ser submissas, era algo completamente aceitável e normal, como homens de inimaginável prestígio, eram considerados poderosos por disporem de servos, escravos, esposas e pupilos. Em um tempo em que juros ainda eram considerados usura, e visto como algo terrível.

Poderia ainda discorrer como Platão tem figura essencial ao analisar a vivência, e como seu pensamento é considerado por estudiosos como o primeiro pensamento comunista, poderíamos discorrer exaustivamente sobre sua teoria de grupos de governantes completamente abdicados , assim como fazer uma análise da teoria da caverna, e de como a libertação das sombras esta estritamente ligada a

como o homem deste os primórdios esta fadado a buscar a felicidade, mesmo que depois fossem necessárias varias linhas para explicar o comportamento não mediano, mas sim maioritário, daqueles que passariam, a vida, acorrentados a caverna, levados pelo medo, a angustia do desconhecido, ou algo mais catastrófico.

Quão saboroso seria iniciar então a narrativa histórica considerando o guia politicamente incorreto da história do mundo de Leandro Narloch, (NARLOCH, 2015, p. 18) descrevendo Roma como o que considerariamos um cortiço, apinhado de pobres e miseráveis, onde a "economia" apenas acontecia para menos de 10 por cento da população, uma Roma que posteriormente queimaria com Nero como precursor ou não do fogo (NARLOCH, 2015, p.19 – 22), e o processo de queda do império Romano juntamente como a ascensão dos bárbaros, a tomada das cidades ou o processo de migração que levou ao abandono (NARLOCH, 2015, p. 28). São inúmeras as teorias para o fim de Roma, mas é perceptível o retrocesso que esta sofreu após o fim do império, menos pessoas capacitadas a ler, analfabetismo inclusive entre as classes mais altas, as mudanças e a queda da população, as teorias sobre como a religião diminuiu a capacidade militar de Roma (NARLOCH, 2015, p. 29) que então ficou a deriva para ser tomada. Estudar como a população reagiu, partindo em retirada (esta teoria não é unânime, como nada em economia, mas é bem aceita), quais os anseios, as perspectivas daqueles povos, que passavam pela maior mudança que veriam, durante suas vidas, qual a mensuração que se faz a perda do bem estar ao ver a cidade queimar? Como viveriam agora as pessoas que retornavam a agricultura de subsistência? Quantas fomes passariam? A história deste tempo é bem abrangente assim como cheia de teorias, a partir dos registros que se tem da época se recriam cenários nos quais se acredita que seriam possíveis algumas teorias ocorrerem, algumas teorias são mais antipáticas, outras mais efusivas, existem aos milhares e ninguém pode provar o contrário, desta forma todos podem ser atendidos pela que melhor lhes aprouver.

4. FELICIDADE E RELIGIÃO

A religião esta basicamente ligada a tudo desde o princípio, desde que se conhece o comportamento humano, ou desde que se escreve sobre o mesmo, historicamente a religião sempre esteve ligada a tudo, não apenas ligada, mas enraizada, petrificada, a fé alimentando a religião e a religião alimentando a fé.

...Os dois grandes fatores da história do mundo têm sido o religioso e o econômico. Aqui e ali o ardor do espírito militar ou artístico predominou por algum tempo, mas as influências religiosas e econômicas nunca foram deslocadas do primeiro plano, mesmo passageiramente, e quase sempre foram mais importantes do que as outras todas juntas. Os motivos religiosos são mais intensos do que os econômicos, mas sua ação direta, raro se estende sobre uma tão grande parte da vida. Porque a ocupação pela qual uma pessoa ganha à vida marca geralmente os seus pensamentos... (MARSHALL, 1996, p.77)

Na busca pela felicidade a fé não poderia deixar de estar presente. A quantidade de pessoas que foram, são e serão movidas pela fé, também esta ligada as suas vivências, suas praticas cotidianas e suas escolhas, eis o alicerce da sua fé. Por definição a fé é crer naquilo que não se pode ver ou tocar, mas se pode sentir!

A fé como movedora de montanhas, ou como movedora de multidões, esta presente em toda a história da humanidade, sua utilização como meio de manobra das massas, ou como simples inspiradora da felicidade é uma parte da história que deve estar presente em todos os relatos que tem alguma intenção de dar um apanhado interessante. O detalhe mais complexo em envolver a religião é definir o que é religião, mas conforme definido acima se trata unicamente daquilo em que se acredita. As pessoas tem a liberdade, garantida por lei de sentirem e desenvolverem empatia por quais dogmas ou crenças que acharem interessantes, cada indivíduo tem o direito de se filiar a qualquer religião.

O Cristianismo mudou a história econômica do mundo. No cristianismo todos somos iguais perante Deus. Mais fácil é passar um camelo por uma agulha do que um rico entrar no reino dos céus, o novo senso de irmandade e a noção de usura imperava, aqueles que cobravam juros eram vistos como seres desprezíveis, os banqueiros, como despossuídos de qualquer ética.

A Usura foi estritamente proibida pelas leis mosaicas, o termo “usura” era empregado relativamente a qualquer pagamento feito pelo uso de qualquer coisa que fosse pedida emprestado, e não para definir as taxas excessivas de juros no sentido moderno da expressão. Mais ainda o termo usura não era limitado a uma retribuição feita por dinheiro emprestado, como hoje em dia, implicando que não se deveria emprestar “nem a usura de dinheiro, nem a usura de comida, nem a usura de qualquer coisa que se empreste a usura (Deut 23:13)... A usura era reconhecida como um pagamento opressivo... (BELL, 1961, p.31)

Mesmo aqueles que não são religiosos não conseguiriam negar que Jesus existiu, e que se tornou uma figura publica, um eloquente pregador de seus ensinamentos, convencendo multidões a seguirem e a proclamarem seu nome como o filho de Deus, mesmos os agnósticos, como Tomás que descrevem Jesus como um ser mais humano, desta forma também disponível a cometer erros, reconhecem sua capacidade de mudar a história, (GEARY, 2007, p.54) tanto que ele se torna o grande divisor do calendário, (a.c e d.c).

Após o cristianismo Jesus passa a oferecer aos seus uma forma diferente de felicidade, uma felicidade na busca pela simplicidade, uma felicidade que pode alcançar aos mais pobres, já que o próprio Jesus era pertencente à classe trabalhadora, uma felicidade de pode alcançar aos enfermos, através de milagres, um toque, um olhar e tudo poderia ser mudado, ou quase tudo, mas apenas para aqueles que tinham fé.

A Felicidade passa a ser alcançada na alegria do irmão, surgem os louvores à tolerância, o amor ao próximo, à solidariedade, compartilhar e partilhar passam a ser identificadas como as palavras de Jesus. A Felicidade passa a fazer parte da vida, que em termos econômicos não mudou, mas a forma de ser encarada é totalmente nova.

Claro que neste ponto existe uma cilada, Jesus é assassinado, ou se dá ao sacrifício pelos pecados, aqui a ótica sobre a qual esta se olhando importa, se ele foi assassinado: seus poderes não foram suficientes para salvar nem a ele mesmo. Se deu sua vida para lavar os pecados: então entende-se como um sacrifício necessário. Após isto, perseguições, em 325 d.p ocorrem, o primeiro concílio Ecumênico de Nicéia, seguem-se vários concílios e então ocorre a consolidação da

igreja católica, assim como em um contrato social, é definido o que pode e o que não pode, quais textos e livros fazem parte e quais não. (GEARY, 2007, p. 53).

Com o passar dos séculos a igreja católica ganha poder, durante a idade média e períodos seguintes passa a perseguir e matar todos aqueles que ousam desafiar os ensinamentos, começam a vender partes do céu através de indulgências:

Riquezas do céu, Não ajustem riquezas aqui na terra, onde as traças e a ferrugem destroem, e onde os ladrões arrombam e roubam. Pelo contrário, ajuntem riquezas no céu, onde as traças e a ferrugem não podem destruí-las, e os ladrões não podem arrombar e rouba-las, pois onde estiverem as suas riquezas, aí estará o coração de vocês ... (JESUS, Bíblia – Mateus 6: 19-21 p.818)

Sacrificam os desajustados sociais (neste caso usasse o termo para definir as pessoas que não conseguem uma posição social), as bruxas, os loucos, os que gostam de chá, e todos os outros que desejam. Então surgem os protestantes, que definem Deus como algo grandioso, cheio de compaixão, perdão, e que esta de braços abertos para quem estiver disposto a viver o seu amor.

Neste período surgem novas esperanças, a felicidade de crer em algo grandioso que só quer a sua felicidade individual, assim como a felicidade individual do seu próximo, alguém que olha por você do céu constantemente, e o ajudará a ser o melhor que puder. Uma nova forma de encarar a vida, uma felicidade que virá ao seu encontro por obra de algo maior, algo que esta acima de todas as coisas.

O Sermão do monte

Quando Jesus viu aquelas multidões, subiu um monte e sentou-se. Os seus discípulos chegaram perto dele e ele começou a ensiná-los.

A verdadeira felicidade, Jesus disse:

Felizes as pessoas que sabem que são espiritualmente pobres, pois o reino do céu é delas.

Felizes as pessoas que choram, pois Deus as consolará.

Felizes as pessoas humildes, pois receberão o que Deus tem prometido.

Felizes as pessoas que tem fome e sede de fazer a vontade de Deus, pois ele as deixará completamente satisfeitas.

Felizes as pessoas que tem misericórdia dos outros, pois Deus terá misericórdia delas.

Felizes as pessoas que tem o coração puro, pois elas verão a Deus.

Felizes as pessoas que trabalham pela paz, pois Deus as tratará como seus filhos.

Felizes as pessoas que sofrem perseguições por fazerem a vontade de Deus, pois o reino do céu é delas.

Felizes são vocês quando os insultam, perseguem e dizem todo tipo de calúnia contra vocês por serem meus seguidores.

Fiquem alegres e felizes, pois uma grande recompensa está guardada no céu para vocês... (JESUS, Bíblia – Mateus 5: 1-12 p.816)

A felicidade como dádiva divina, é uma recompensa pelo comportamento que se espera de cada indivíduo e cidadão, e neste ponto se espera que as recompensas se transbordem dos céus. Jesus ensinou a dignidade do homem, condenou a escravidão, ensinou a irmandade, criticou a acumulação de riquezas, criticou a usura, como forma de retirar proveito de um irmão mal aventurado, dignificou o trabalho, fazendo ele mesmo parte dos que trabalhavam, um carpinteiro, deu um propósito a vida, trouxe consigo e com os seus ensinamentos a esperança.

Paralelamente ao desenvolvimento do catolicismo, temos também o que se denominava paganismo, assim como as religiões muçulmanas, o alcorão de Maomé (560 a 632), os mestres zens, budismo, entre tantas outras, a história de todas as religiões e como os indivíduos passaram a ver o mundo a partir delas é tão importante quanto o catolicismo, apegamo-nos ao catolicismo exatamente por ser a religião que mais nos alcança, não só pela forma como se desenvolveu, mas também por seu quadro histórico.

Ao falarmos sobre a religião e como ela altera o pensamento econômico não podemos deixar de colocar os autores, religiosos que de alguma maneira contribuíram para o campo em questão, ao analisarmos como isso mudou a vida das pessoas e sua forma de pensar sua própria felicidade, desta forma é importante citar o pensador Tomás de Aquino, do qual será tratado no próximo tópico.

5. TOMÁS DE AQUINO

São Tomás de Aquino escreveu a Suma Teológica, as regras e preceitos sobre os quais discorre na suma, serviriam de padrões de condução da humanidade dentro da forma correta de vida.

Segundo John Fred Bell, o escolasticismo, escola econômica a qual pertence Aquino, representa uma ortodoxia em teologia e uma aceitação da filosofia e das ciências gregas, e mulçumanas, então recém-descobertas, especialmente a de Aristóteles, esta escola reconciliou a fé e a razão e organizou todos os conhecimentos dentro da teologia, a autoridade suprema. (BELL, 1961, p.72)

Sua Suma teológica discorria de maneira exaustiva de vários assuntos dentre estes, se a doutrina sagrada era ou não ciência, se é uma ciência prática, sobre a simplicidade de Deus, sobre a perfeição de Deus, o bem geral, a infinidade de Deus e a bondade, sobre as providências divinas, o livro da vida, o poder de Deus, contendo mais de mil páginas a suma tinha a intenção de abranger de forma ampla todos as nuances divinas, assim como anjos, a trindade sagrada e os pecados do homem.

A grande alteração que ocorre durante o período de Aquino é que a usura passa a não ser mais vista com tão duros olhos, já que a própria igreja, era a portadora de grandes bens, terras, e fontes de riquezas. Logo a igreja passou a necessitar das rendas provenientes dos juros ou alugueis de suas terras, além é claro dos donativos que recebiam em forma de cereais, animais, etc. Desta forma seria muito hipocrisia que se mantivesse a mesma forma de ver os juros, com o crescimento do mercado monetário, a economia da ética se tornou ultrapassada e insustentável.

Assim Aquino concorda com Aristóteles, sobre o tema propriedade privada, de que a posse não se tratava mais de algo não natural, e concorda também que sobre um regime de posses e mais fácil e possível manter a paz, concorda também com o comercio, que este é bem vindo quando se trata de trazer a bem aventurança para a família através dos lucros,

Aquino e os Ecclesiastes em geral não simpatizavam com muitas das praticas econômicas então em voga, mas pouco podiam fazer para amoldá-las ao seu gosto.

Tentaram, então, tornar as praticas o mais respeitáveis possíveis, para tanto estabelecendo regras de natureza e ética para aplicação ao comercio. (BELL, 1961, p.73)

Para seguir uma linha de raciocínio lógico este seria o momento em que a industrialização alcançou seu ápice, após a revolução industrial e toda a mudança.

Durante a época em que o pensador Aquino escreveu sua suma as felicidade das pessoas estava baseada fortemente em religião, mas também em razão, a conciliação entre ambas trazia nova a luz as formas de busca pela felicidade, o que se seguiu a isso foi um período marcado pelo mercantilismo, um período em que muitos estavam voltados ao comercio, há muitos autores desta época, mas para a nossa analise não seria interessante compreendê-los, sua inclinação principal esta para o comércio e indo de encontro a formas de lucro, assim como o período da Fisiocracia e do Colbertismo Francês e Cameralismo Alemão. Desta forma passaremos diretamente a Adam Smith.

Como primeiro pensador no campo da economia, reconhecemos como fundador e pai deste ramo Adam Smith, em sua obra mais louvada “A riqueza e a pobreza das Nações” escrita em 1776, obra que o marcou como pai da economia, Smith não discorre sobre a busca pela felicidade, mas em um outro escrito seu, intitulado a teoria dos sentimentos morais, ao qual foi dada menos atenção ele discorre sobre a solidariedade e o egoísmo.

6. ADAM SMITH

Adam Smith nasceu em 1723 em Kirkcaldy, Fifeshire, Escócia, uma cidade de 1.500 habitantes, seu pai, homem de posses, morreu três meses antes do nascimento do filho, de uma família da classe alta, mas não nobre da época. Adam Smith nunca se casou, começou seus estudos em Glasgow, com um curso que tinha em seu currículo basicamente: Ética, Direito, Princípios de Economia, Política Comercial e Finanças Públicas. Em 1740 aceitou uma bolsa de estudos em Balliol College em Oxford, onde teve um maior refinamento dos estudos nos clássicos e literatura, mas ainda sobre muita influência dos escolásticos, No inverno de 1748/49 ministra uma série de conferências em Edimburgo. Em janeiro de 1751 foi eleito para a cadeira de lógica em Glasgow, onde lecionava retórica e *Belles Lettres*. Em abril de 1752 é eleito professor de Filosofia Moral de Glasgow, cargo em que ficou até 1764 foi neste cargo que se consolidou sua reputação intelectual e seu interesse acadêmico pela Economia. A partir deste ponto ele passa a participar dos debates acadêmicos e políticos da época, é admitido às principais sociedades eruditas escocesas, em 1759 publica a teoria dos sentimentos morais. Em 1763 tornasse tutor do Duque de Buccleugh. Adam Smith viaja pela França, realizando um longo Tour pelo Sul da França, conhece Voltaire, em 1765 muda-se para a França onde Hume abre-lhe as portas para a corte e para os salões, neste ponto tem contato com os fisiocratas, liderados por François Quesnay, tem contato com Turgot, com o qual mantém correspondência por um longo período, com a morte do irmão mais moço de Buccleugh retorna a Londres, onde tem contato com o imenso acervo bibliográfico e de onde retira anotações para a sua grande obra, em nove de março de 1776 vem a luz A riqueza das Nações. Após isto retorna para Kirkcaldy em 1777 é nomeado para um alto cargo da administração aduaneira escocesa, muda-se com sua mãe para Edimburgo. Em 1787 recebe o que seria a última grande honraria de sua vida, é nomeado Reitor da Universidade de Glasgow, cargo que ocupa por dois anos consecutivos, retorna a Edimburgo adoece e falece em 17 de julho de 1790 aos 67 anos de idade. (WINSTON FRITSCH, Coleção os Economistas, Ensaio Bibliográfico sobre Adam Smith, 1996, p. 5 - 9)

O cenário histórico da época de Adam Smith foi a revolução industrial.

Sua família materna era composta de proprietários de terra em Fifeshire, e suas frequentes visitas a parentes no campo podem ter despertado o interesse pela agricultura que é visto em todo o seu trabalho. Assim sendo, o local deu ao jovem algo da natureza e influência da indústria, comércio e agricultura. (BELL, 1961, p.144)

Na teoria dos sentimentos morais de Adam Smith ele discute as forças morais que restringem o egoísmo e unem as pessoas. Neste livro Adam Smith coloca que a solidariedade é o sentimento que está acima de todos os outros, já que o homem tende a crer que os sentimentos dos outros estimulam sentimentos similares neles mesmos, desta forma a solidariedade sempre parecerá ao homem mais prazerosa, já que o que sentimos ao observar os outros não vem do que os outros estão passando, mas sim da nossa consciência de sua situação. (BRUE, 1945)

Adam Smith também coloca que o medo da morte envenena a felicidade do homem, mas restringe à injustiça da humanidade, esse medo aflige e atormenta os indivíduos, no caso de Adam Smith temos a felicidade tratada por uma ótica que crê no melhor no ser humano, como se todos pudessem ter uma consciência, como se da mesma forma que a economia é guiada pela mão invisível o homem também o é através das forças morais, ou faculdades morais, que nos impedem de sermos egoísta, acreditando que as regras das faculdades morais são do domínio de Deus, e se violadas a punição seria tormento da vergonha interior e a autocondenação, assim como a obediência traria consciência tranquila, contentamento e auto satisfação. (BRUE, 1945).

Em sua obra “Wealth of Nations” – A Riqueza das Nações, Smith descreve sobre a divisão do trabalho, a análise do valor, os salários, os lucros e os juros, a história da economia e do desenvolvimento da economia em várias partes do mundo, sua contribuição é gigantesca e foi ele quem inaugurou o ramo da economia que depois serviria de vertente para tantos outros escritores.

Smith pretendia que “*Wealth of Nations*” fosse uma filosofia social completa. Sob muitos aspectos, esse objetivo foi concretizado; contudo, somente as partes relativas à economia são lembradas. (BELL, 1961, p.157)

É possível perceber o que Bell quer dizer principalmente no capítulo II do livro a Riqueza das Nações, quando ele esta descrevendo sobre o principio que da origem a divisão do trabalho.

Essa divisão do trabalho, da qual derivam tantas vantagens não é, em sua origem, o efeito de uma sabedoria humana qualquer, que preveria e visaria esta riqueza geral a qual dá origem. Ela é a consequência necessária, embora muito lenta e gradual, de uma certa tendência ou propensão existente na natureza humana que não tem em vista essa utilidade extensa, ou seja: a propensão a intercambiar, permutar ou trocar uma coisa pela outra... Essa propensão é uma consequência necessária das faculdades de raciocinar e falar. De qualquer maneira essa propensão encontra-se em todos os homens, não se encontrando em nenhuma outra raça de animais... (SMITH, 1996, p. 73)

Smith nas paginas seguintes a 73 discorre sobre a necessidade do homem constante da ajuda dos seus semelhantes, e como é inútil esperar essa ajuda apenas contando com a benevolência do próximo.

Não é da benevolência do Açougueiro, do cervejeiro ou do padeiro que esperamos nosso jantar, mas da consideração que eles têm pelo seu próprio interesse. (SMITH, 1996, p.74)

O autor então descreve como o ser humano através de trocas, permutas e comercio, troca aquilo que pode produzir, através de seus talentos com aquilo que outros podem produzir, mostrando que as relações entre os indivíduos estão relacionadas nessas trocas, e como essa divisão do trabalho transforma a economia.

Adam Smith descreve como as diferenças entre as pessoas surgem, não as pontuando em seu nascimento, mas antes em seus costumes, da educação e de suas formações, coloca as pessoas como veem ao mundo como extremamente semelhantes, depois começam a ocupar-se ou engajar-se em ocupações muito diferentes, então se começa a perceber a diferença em seus talentos e isso logo vai se ampliando, ou seja, as diferenças estão ligadas aos costumes e aquilo que é apresentado a pessoa como possibilidade de se desenvolver. (SMITH, 1996, p.75)

A forma como Smith descreve a formação da capacidade das pessoas para a questão da felicidade, provavelmente é a mais importante, não obstante a sua

forma de descrever como surge o dinheiro, como os escambos e as trocas são responsáveis por tornarem a criação de uma moeda necessária, assim como isso torna possível a futura criação do mercado monetário também representa um ponto importante, sua obra é na íntegra uma criação que abrange muitos pontos, mas descrever a todos demandaria muito tempo e incorreríamos no erro de interpretar mal suas colocações. Não há neste trabalho o intuito de se especializar na obra de Smith.

Ao que nos compete é importante ressaltar que esta visão de Smith para a interdependência dos indivíduos em uma sociedade nos faz pensar sobre a felicidade como parte desta ligação necessária entre os indivíduos, esta ligação de troca e escambo, a necessidade pelos meios de vida, pelas criações e produtos oferecidos de um ao outro e pelas satisfações das necessidades mais básicas e até das necessidades nem tão básicas assim, nesta obra a felicidade está ligada à possibilidade de produzir, e assim se tornar parte de uma sociedade em que indivíduos dependem uns dos outros e da necessidade também de consumir.

Para o período em questão outra grande figura estava em eminência, e mesmo que o sucesso do mesmo não tenha chegado a alcançar as ideias desenvolvidas por Smith, seus pontos com relação ao ser humano e suas potencialidades são importantes para nossa análise sobre a felicidade, um escritor que conseguia seguir a corrente de pensamento e ao mesmo tempo tentar incrementar propostas que para a época eram ousadas, desta forma o próximo capítulo tratará de Cordocet.

7. CORDORCET

Marie Jean Antoine Nicolas de Caritat, foi um dos líderes ideológicos da Revolução Francesa e o elaborador de um projeto de organização geral da instrução pública que foi entregue a Assembleia Nacional. O Marquês de Condorcet, matemático e político Francês, era um apoiador assíduo do direito das mulheres e negros, defendia a educação para todos, com o livro "Ensaio na aplicação de análises para a probabilidade das decisões da maioria" Condorcet inaugurava assim a matemática para resolver questões das ciências sociais.

Com relação ao Marques é realmente difícil conseguir exemplares de suas obras traduzidos, originalmente ele escreveu em Francês, e muito do que há sobre ele esta em formato de aforismos, deixando assim sua interpretação um pouco mais aberta a equívocos, esse pequeno contratempo não se mostrou com um peso suficientemente grande para que a sua citação neste trabalho fosse retirada, ao contrário, a dificuldade em encontrar exemplares apenas levou a um momento em que colocamos suas citações e extraímos delas a sua essência.

Condorcet não acreditava que seria possível, em uma nação esclarecida sobre seus direitos, propor a metade dos cidadãos que abdicassem destes direitos, e nem que seria útil a tranquilidade pública separar um povo ativamente ocupado dos interesses políticos em duas partes, em que, em virtude da lei, uma seria tudo e a outra nada, apesar da vontade da natureza que, ao fazê-los homens, tornou-os iguais. Para isto defendia abertamente o direito dos negros e das mulheres. Acreditava que era necessário assegurar a cada indivíduo a facilidade de desenvolver, em toda a sua extensão, os talentos que recebeu da natureza e, através disto, estabelecer uma igualdade de fato entre os cidadãos, e tornar real a igualdade política reconhecida pela lei, este deveria ser o primeiro objetivo de uma instrução nacional, a instrução por sua vez não deveria abandonar os indivíduos ao sair da escola, ela deveria abraçar todas as idades, pois não há nenhuma idade em que não seja possível e útil aprender.

A teoria de Condorcet também verificou que o crescimento populacional, o aumento do numero de homens ultrapassaria seus meios de subsistência e isso resultaria em uma diminuição contínua da felicidade, mas Condorcet acreditava em uma instrução, uma expansão da educação igualitária que levaria as mulheres a

desejarem ter menos filhos e logo ocorreria uma queda da fecundidade, por escolha própria. Uma visão que podemos perceber foi acertada, segundo esse escritor a felicidade estava diretamente ligada à conquista dos direitos civis, principalmente o da educação.

Para promover a instrução pública, o autor propôs uma divisão sistematizada em três partes: 1º A instrução comum; 2º Despertar disposições particulares de cada um e empregá-las para vantagem geral; 3º formação específica para a profissão escolhida. Para ele os direitos fundamentais eram: liberdade, segurança e igualdade. E os princípios políticos deveriam ser: Razão, Tolerância e Humanidade. Isto foi proposto no projeto para a educação pública entregue a Assembleia Geral.

Outro grande nome entre os economistas que pode ser associado a esta época é Jeremy Bentham, este ocupou seu tempo a descrever sobre como as pessoas estavam ligadas a entender a dor e o prazer como buscas pessoais, por isso o próximo tópico tratará deste escritor e de sua ilustre contribuição.

8. JEREMY BENTHAM

Jeremy Bentham nasceu em 15 de fevereiro no ano de 1748, em Londres. Era uma criança prodígio, aos três ou quatro anos de idade já sabia ler em grego e latim, aos cinco anos era chamado de “Jeremy, o filósofo”. Seus primeiros estudos foram realizados em Westminster. Em 1760, ingressou no Queen’s College, Oxford e bacharelou-se em 1763, tornando-se o mais jovem graduado que as universidades inglesas jamais tinham visto. Em 1763 ingressou no Lincon’s Inn para estudar direito, quatro anos depois foi admitido no fórum. Em 1776 escreveu um livro sobre leis intitulado “Um Fragmento sobre o Governo”. Em 1781 recebeu um convite de Lorde Shelburne. Em 1811 publicou, em francês, “Teoria dos castigos e das recompensas”. As edições inglesas saíram muito tempo depois, com títulos diferentes: “O fundamento racional da recompensa” (1825) e “O Fundamento racional do castigo”. Em 1785, Bentham viajou para a Rússia a fim de visitar seu irmão, nesse país escreveu “Defesa da Usura”, publicado em 1787, este livro o enquadra como discípulo de Adam Smith, mas um discípulo que insistia na aplicação lógica extrema dos princípios elaborados. Retorna a Inglaterra em 1788. Em 1789 publicou sua maior obra, “Princípios da moral e da Legislação”. Em 1792 foi contemplado com a cidadania francesa, em 1817 tornou-se um dos principais membros do corpo de advogados. Em 1823 fundou com um grupo de amigos o periódico Westminster Review, a fim de poder contar com uma eficiente tribuna para a defesa do radicalismo. Morre em 6 de junho do ano de 1832. (PESSANHA, Ensaio bibliográfico sobre Jeremy Bentham, Coleção Os Pensadores, 1989, p. 7-11)

Para Bentham a natureza humana colocava os homens sob o domínio de dois senhores dos quais o homem não podia escapar:

A natureza colocou o gênero humano sob o domínio de dois senhores soberanos: a *dor* e o *prazer*. Somente a eles compete apontar o que devemos fazer, bem como determinar o que na realidade faremos. O trono desses dois senhores está vinculada, por uma parte, a norma que distingue o que é reto do que é errado, e, por outra, a cadeia das causas e dos efeitos.

Os dois senhores de que falamos nos governam em tudo o que fazemos, em tudo o que dizemos, em tudo o que pensamos, sendo que qualquer tentativa que façamos para sacudir esse senhorio outra coisa não faz, senão demonstrá-lo e confirma-

lo. Através das suas palavras, o homem pode pretender abjurar tal domínio, porém na realidade permanecerá sujeito a ele em todos os momentos da sua vida. (BENTHAM, 1989, p. 3)

Bentham redefiniu a utilidade, cunhou o termo, dando início a escola utilitarista, no entanto ao publicar seu livro “Introdução aos princípios da moral e da legislação” em 1789 ele definiu utilidade da seguinte forma:

O Princípio da Utilidade reconhece esta sujeição e a coloca como fundamento desse sistema, cujo objetivo consiste em construir o edifício da felicidade através da razão e da lei. Os sistemas que tentam questionar este princípio são meras palavras e não uma atitude razoável, capricho e não razão, obscuridade e não luz. (BENTHAM, 1989, p.3)

A sujeição a qual Bentham se refere é a sujeição aos dois senhores citados acima, dor e prazer. Em sua edição de 1822, Bentham, porém acrescenta a seguinte nota:

A esta expressão (Princípio da Utilidade) acrescentei ultimamente – substituindo até a primeira – esta outra: A maior felicidade, ou o Princípio da Maior Felicidade; isto por amor a brevidade, ao invés de me expressas assim longamente: “O Princípio eu estabelece a maior felicidade de todos aqueles cujo interesse está em jogo, como sendo a justa e adequada finalidade da ação humana, e até a única finalidade justa, adequada e universalmente desejável; da ação humana, digo, em qualquer situação ou estado de vida, sobretudo na condição de um funcionário ou grupo de funcionários que exercem os poderes do governo”. A palavra “Utilidade” não ressalta as ideias de prazer e dor com tanta clareza como o termo “felicidade” (Happiness, felicity); tampouco o termo nos leva a considerar o número dos interesses afetados; número este que constitui a circunstância que contribui na maior proporção para formar a norma em questão – a norma do reto e do errado, a única que pode capacitar-nos a julgar da retidão da conduta humana, em qualquer situação que seja. Esta falta de uma conexão suficientemente clara entre as ideias de felicidade e prazer, por uma parte, e a ideia de utilidade, por outra, tem constituído mais de uma vez, para certas pessoas – Conforme pude constatar – um obstáculo para a aceitação do princípio acima, aceitação que, de outra forma, possivelmente não teria encontrado resistência. (BENTHAM, Nota de 1822, 1989, p.3)

Conforme o próprio autor coloca em sua nota, a substituição da expressão Utilidade pelo termo Felicidade após 33 anos da publicação se dá para o maior entendimento das questões expostas pelo mesmo, desta forma a teoria passa a ser a da felicidade, ou da maior felicidade, se tornando assim parte essencial para o entendimento das teorias econômicas da felicidade.

Para entender o princípio de utilidade de Bentham, ou seu princípio da maior felicidade, é necessário entender primeiramente o que ele entende por utilidade (felicidade):

Por princípio de Utilidade (felicidade) entende-se aquele princípio que aprova ou desaprova qualquer ação, segundo a tendência que tem a aumentar ou a diminuir a felicidade da pessoa cujo interesse esta em jogo, ou, o que é a mesma coisa em outros termos, segundo a tendência a promover ou a comprometer a referida felicidade. Digo qualquer ação com o que tenciono dizer que isto vale não somente para qualquer ação de um indivíduo particular, mas também de qualquer ato ou medida do governo.

O termo utilidade designa aquela propriedade existente em qualquer coisa, propriedade em virtude da qual o objeto tende a produzir ou a proporcionar benefício, vantagem, prazer, bem ou felicidade (tudo isso, no caso presente, se reduz á mesma coisa), ou (o que novamente equivale a mesma coisa) a impedir que aconteça o dano, a dor, o mal ou a infelicidade para a parte cujo interesse está em pauta; se esta parte for a comunidade em geral, tratar-se-á da felicidade da comunidade, ao passo que, em se tratando de um indivíduo particular, estará em jogo a felicidade do mencionado indivíduo. (BENTHAM, 1989, p.4)

O autor discorre ainda sobre uma incapacidade de alguns indivíduos de entenderem o que realmente significa felicidade da comunidade, explicando que o termo comunidade é nada menos do que corpo fictício, composto de pessoas individuais que se consideram como constituindo os membros da sociedade, então o interesse na felicidade da comunidade nada mais é do que a junção dos interesses individuais, ou seja, o interesse da comunidade é a média do interesse dos indivíduos. E o interesse dos indivíduos, esta diretamente ligado, a soma total dos seus prazeres ou, o que vale o mesmo, a diminuição total de suas dores (BENTHAM, 1989, p.4).

Segundo Bentham, a felicidade dos indivíduos que compõem a sociedade, ou seja, seus prazeres e sua segurança, deveriam constituir o objetivo, o único

objetivo do legislador, esta seria a única norma em conformidade com a qual todo indivíduo deveria, ser obrigado a pautar o seu comportamento.

Sobre os prazeres e as dores, para ele o ser humano buscava sempre o aumento do prazer e a diminuição das dores, segundo o autor há quatro fontes de prazer ou dor: física, política, moral e religiosa. (BENTHAM, 1989, p.13).

Se o prazer ou a dor são esperados na vida presente ou no curso natural da vida, e não derivam da vontade de alguém ou de um ser superior, pode-se dizer que tal prazer ou dor derivam da sanção física; Se o prazer ou a dor tem lugar ou se esperam de indivíduos ou grupo de pessoas que são intituladas juízes, pode-se dizer que o prazer e a dor emanam da sanção política; Se o prazer ou a dor estiverem nas mãos de uma pessoa que ocupa lugar de destaque na comunidade, pode-se dizer que o prazer deriva da sanção moral ou popular; Se dependerem da mão imediata de um ser superior invisível se derivam da sanção religiosa, sendo que esta ultima pode acontecer nessa vida ou na próxima. (BENTHAM, 1989, p.14).

Segundo Bentham todas as pessoas passariam por estas sanções, em um exemplo ele descreve de forma interessante como um ponto de vista pode alterar o tipo de sanção que esta sendo vivenciada. O exemplo é o de uma casa que pega fogo, se foi algo da natureza, então se trata de uma calamidade; se ocorreu por imprudência, como no caso de uma vela posta de forma incorreta, sanção física; Se infligido pela lei, sanção política; Se tiver ocorrido por falta de assistência amigável, ou má conduta, sanção moral; e se ocorreu por vontade de um Deus desagradado ou através de uma distração da mente, ocasionado pelo medo de tal sagrado, sanção religiosa. (BENTHAM, 1989, p.14-15).

Sobre os legisladores o autor os coloca como responsáveis por amplificar ao máximo a felicidade dos indivíduos, dos quais uma comunidade é composta, ou seja os prazeres e a segurança. Da mesma forma prazeres e dores são os instrumentos com os quais o legislador deve trabalhar, para compreender como utilizar esses instrumentos o mesmo deve compreender o valor desses instrumentos. O valor de um prazer ou dor é medida através de 6 circunstâncias: intensidade, duração, certeza (incerteza), Proximidade (afastamento),fecundidade deste e a pureza, ou seja ao infligir dor se esta não causará por fecundidade uma situação posterior de prazer, ou ainda se é uma dor pura não ocasionando ao mesmo tempo em sensações do tipo oposto. Para alguns casos também se deve considerar a

extensão, para saber se o infligido se estenderá a outras pessoas. Para que o legislador seja consistente ele deve calcular a quantidade de dor e prazer infligido a cada indivíduo e ao todo. (BENTHAM, 1989, p.17).

Para Bentham o prazer pode se traduzir por: lucro, conveniência, vantagem, benefícios ou felicidade enquanto a dor: inconveniente, desvantagem, perda, infelicidade e assim por diante. Desta forma qualquer coisa que traga a felicidade é traduzida por prazer e qualquer coisa que traga a infelicidade é traduzida por dor. A quantidade de dor ou prazer que um indivíduo irá experimentar durante o percurso da sua vida esta diretamente relacionada às circunstâncias, que poderão ser causadas pelo indivíduo ou por terceiros, desta forma as circunstâncias serão criadas conforme as capacidades dos indivíduos, seu estado de saúde, força, sua resistência, a perfeição corporal, o poder intelectual, firmeza da mente, estabilidade, inclinações e tendências, sua moral, a forma como é visto perante a sociedade, o bom nome, o nível de simpatia, a educação, o clima, em suma, todos os aspectos devem ser levados em consideração para a criação das circunstâncias. A inclinação para a dor ou para o prazer também tem grande influência, já que elas podem definir em que magnitude e para qual lado esta inclinada a facilidade de sensibilidade do indivíduo, assim como para qual inclinação esta a vontade deste indivíduo de infligir dor ou prazer considerando a sensibilidade de outros indivíduos. (BENTHAM, 1989, p.17-18).

No capítulo 7 Bentham escreve sobre as Ações Humanas em geral, de fato ele descreve como devem agir os governantes e como devem ser as punições legais.

A missão dos governantes consiste em promover a felicidade da sociedade, punindo e recompensando.

A parte da missão de governo que consiste em punir constitui mais particularmente o objeto da lei penal. A obrigatoriedade ou necessidade de punir uma ação é proporcional á medida em que tal ação tende a perturbar a felicidade e á medida em que a tendência do referido até é perniciososa. Ora, a felicidade consiste naquilo que já vimos, ou seja, em desfrutar prazeres e estar isento de dores.

A tendência geral de um ato é mais pernicioso ou menos pernicioso, de acordo com a soma total das suas consequências, isto é, conforme a diferença entre a soma das consequências boas e a soma das consequências funestas. (BENTHAM, 1989, p.19).

O autor descreve qual seria a forma correta de calcular qual é o tipo de punição necessária para varias formas de crime, também descreve casos em que não se deve punir, além de descrever as disposições humanas em geral, que levam o ser humano a pensar mais nele mesmo ou no próximo. Além de descrever o setor penal da jurisprudência. (BENTHAM, 1989, p.50-68).

A busca pela felicidade em Bentham está ligada a busca pelo prazer, o homem se torna feliz conforme o maior índice de prazer que ele alcança. Para o escritor todos os aspectos da vida humana devem ser levados em consideração quando se esta buscando as circunstâncias que possibilitam esses prazeres.

A busca por autores economistas que escreveram sobre a felicidade humana nem sempre é simples, e acabamos por esbarrar em alguns autores que não são economistas, mas utilizam-se de ideias dos economistas, John Gray esta muito mais enquadrado na posição de sociólogo socialista, mas sua obra é voltada para a felicidade humana, por isso compreendeu-se necessário coloca-la neste trabalho.

9. JOHN GRAY

Em seu ensaio sobre a felicidade humana escrito em 1825, John Gray faz uma explanação sobre o que é a felicidade de forma impressionante, para ele a felicidade esta diretamente ligada aos sentidos, à capacidade de percepção das sensações agradáveis ou das sensações de dor, desta forma a felicidade é limitada pela capacidade de percepção de cada individuo, mas ao mesmo tempo os sentidos são colocados, pelo autor, como passivos na criação da felicidade, já que não podem criar situações ou circunstâncias que diretamente o afetem.

Não ligamos a ideia de felicidade a substâncias inanimadas, porque elas não tem sensibilidade: elas são igualmente incapazes de sentir prazer e dor. Elas não podem sofrer, nem alegrar-se porque não podem sentir. A *sensibilidade* é portanto o meio da felicidade e da miséria; tratam-se de impressões, agradáveis as primeiras, desagradáveis as ultimas, que se exercem sobre nós através desse meio: e o *grau* de felicidade que somos capazes de sentir é limitado pela força e pelo numero de impressões agradáveis que nossa natureza é capaz de receber. (GRAY, 1825, TEIXEIRA p.156)

John coloca a felicidade como fim e objetivo de toda a ação humana, em alguns casos defendendo a tese de que há mais felicidade na busca pelo objeto desejado do que no alcance do objetivo propriamente dito, por isso uma busca que se torna muitas vezes insensata e irracional, como a busca pela riqueza, a qual muitos não foram treinados para fazer uso correto.

...Frequentemente nos defrontamos com a observação de que a felicidade consiste mais em buscar do que em possuir algum objeto. A verdade é que, tal como a sociedade esta agora constituída, o homem é trinado para ser qualquer coisa menos racional. Nunca lhe foi ensinado entender a sua própria natureza e agir coerentemente com isso: nunca lhe foi ensinado procurar a felicidade onde ela deve ser encontrada: suas faculdades estão completamente desorientadas e a consequência é que ele exaure suas energias na busca daquilo que, caso houvesse consultado sua razão por um momento, teria visto que a sua posse não lhe traria nenhuma satisfação. (GRAY, 1825, TEIXEIRA p.158).

A felicidade não pode ser atingida a menos que as necessidades naturais estejam totalmente satisfeitas, o autor divide os desejos do homem em duas modalidades distintas, a primeira é as que lhe pertencem enquanto animal e a segunda as que lhe pertencem enquanto ser pensante.

Os desejos ou necessidades do homem são de duas modalidades distintas: 1ª) As que lhe pertencem enquanto animal; 2ª) As que lhe pertencem enquanto ser pensante. E essas podem ser divididas em duas outras modalidades: 1ª) As que nascem com ele e são inseparáveis de sua natureza; 2ª) As que ele adquire pela educação, hábitos, exemplos e influência das circunstâncias que o cercam; e, em relação a estas, é muito importante que ele adquira apenas as que são coerentes com as que a natureza nele implantou. Da ultima modalidade nada diremos, porque não dependem exclusivamente da natureza das circunstâncias que a cercam. Mas da primeira, é claro que o homem, enquanto animal, necessita de alimento, vestuário e habitação; que as circunstâncias permitam-lhe obtê-los para sua família, se a tiver; que seja capaz de fazê-lo com esforços moderados e sem o menor receio de que venha a fracassar na consecução do objetivo desejado. Força e saúde física são também essenciais para a felicidade, sendo incompatíveis com o trabalho imoderado e a grande ansiedade mental. Todos os desejos intelectuais do homem podem ser incluídos no desejo do conhecimento, a natureza deu esse desejo a todos mas para que possamos nos tornar intelectuais felizes, é necessário que as sementes do intelecto, ou de nossos desejos de conhecimento, sejam cultivadas, ou permanecerão adormecidas, sendo de pouco uso. O grande objetivo da ação humana é satisfazer essas necessidades. (GRAY, 1825, TEIXEIRA p.159 - 160)

A inutilidade humana frente à produção de bens inúteis, neste ensaio sobre a felicidade o autor faz uma excêntrica explicação do que é tornar o homem inútil. Colocando-o a produzir coisas que ele crer serem inúteis. Para o autor toda a produção de coisas que remetem a ostentação, ao luxo e a gastos que fazem parte da má distribuição de renda é um trabalho inútil, assim tornando o homem inútil, ou seja, impedindo o mesmo de contribuir para a sociedade de forma útil. Gray defende a teoria de que a felicidade do homem depende de sua ocupação, e essa ocupação depende do que o homem pode contribuir e ser útil para os outros, homens levados há passar muito tempo produzindo algo de luxuoso são vistos como pouco contribuinte para a sociedade.

John Gray em sua descrição sobre a interdependência das pessoas chega a se aproximar da narrativa de Adam Smith, quando este último descreve a dependência com relação a benevolência das pessoas para conseguir meios de subsistência, diferente de Smith ele faz desta uma crítica ao comportamento dependente dos indivíduos. Ele descreve a classe mais alta da seguinte forma:

As pessoas que compõem essas classes dependentes, são dependentes de duas coisas: primeiro, das atividades de seus semelhantes; segundo, da injustiça, que as capacita a comandá-los.

Que eles são dependentes das atividades de seus semelhantes isso é bem claro. O alimento que comem, as roupas que vestem, as casas que habitam, os móveis nelas contidos, os objetos que as decoram; em resumo, quase tudo, exceto o ar que respiram, lhes é fornecido pelo trabalho humano. E ainda mais! São tão completamente desamparados que até para consertar suas vestem dependem dos outros.

Dependem do padeiro para o pão e do açougueiro para a carne. Dependem do pedreiro para suas casas e do estofador para seus móveis. Dependem do alfaiate e da costureira para suas roupas; e de seus camareiros e aias para vesti-los. Se existe uma palavra que melhor do que outra descreve essa classe de homens, é a palavra DEPENDENTE. (GRAY, 1825, TEIXEIRA p.165).

No entanto como o autor mesmo coloca, mesmo sendo completamente dependentes, ainda assim tem a coragem que praticar a completa injustiça, tomar para si o fruto do trabalho de outros e chamar as propriedades de suas. John Gray defende efusivamente uma sociedade mais justa onde o valor das coisas é o valor do trabalho contido nas coisas, e onde um homem que trabalha deve ser dono do fruto de seu trabalho.

John Gray também discorre sobre o amor comprado, as coisas ruins e a felicidade aniquilada pela avareza, pela necessidade de ser dono, de tomar posse de coisas e de pessoas, sua ênfase no valor do trabalho humano acaba por enquadrá-lo entre os socialistas. Não apenas isso, sua busca por uma sociedade mais igualitária, sua defesa com relação a manter a felicidade de forma a se afastar do consumo improdutivo, do luxo pela ostentação e todos os males que afligiram a natureza do homem o levando ao suplício enquanto prometiam a felicidade. Sua aproximação com o socialismo nos leva ao próximo tópico.

10. SOCIALISMO

O socialismo é um período da economia que não pode ser esquecido quando falamos sobre a concepção de felicidade, para expor o tema seria necessário apresentar as características de todos os tipos de socialismo: o utópico, o de estado, o cristão, o marxista e até mesmo o socialismo em suas formas pós evolução, como anarquismo e comunismo, mas para analisarmos sobre a ótica da felicidade o ponto em questão é tentar achar aquilo que é comum entre eles ou o que é incomum e verificar qual a forma de felicidade seria esperada, o principal ponto em que todos os socialismos se assemelham é crer na igualdade, para o Marxismo a igualdade entre as classes, para o anarquismo, todos são iguais sem poderes que governem, para o socialismo utópico a cooperação, de todas as formas a busca para uma sociedade onde os numerosos tenham possibilidades, e não apenas os mais providos de capital, onde a divisão seja mais justa, mais igualitária.

A literatura sobre socialistas, socialismo e crítica socialista talvez ultrapasse quantitativamente todos os demais materiais econômicos. Todas as nuances de ênfases concebíveis foram desenvolvidas; há dezenas de livros sobre obras que tratam deste assunto, representando todas as tonalidades de convicção; há críticos e defensores da fé socialista, igualmente penetrantes. Há adeptos com todos os graus de entusiasmo, desde a suave indiferença até ao ardor revolucionário militante. O socialismo pode ser encontrado sob algumas formas nos mais remotos registros da humanidade; viveu através de todos os esforços penosos desta e, por vezes, realmente floresceu. Na maioria das nações e vez por outra a maré subiu, depois vazou, até que hoje em uma forma ou outra, e com maior ou menor ênfase, pode ser encontrado em todos os países do mundo. (BRUE, 1961, p.316)

A intenção neste capítulo não é tentar esgotar as contribuições socialistas feitas durante a história da humanidade, de fato todos os socialistas contribuíram de formas diferenciadas não só para o período ao qual pertenceram como também para os períodos posteriores.

Os escritos socialistas e os trabalhos tiveram grande contribuição para a busca pela felicidade, já que em sua maioria frisavam a igualdade e a redistribuição da renda. Por isso se segue uma pequena colocação para os socialistas que se

destacaram finalizando em Karl Marx, os que vieram após este também tem importância para o desenvolvimento das teorias socialistas, mas descrever a todos seria impossível.

11. CONDE HENRY DE SAINT SIMON

Claude Henry de Rouvroy, conde de Saint Simon, nasceu em Paris, filho de pais aristocráticos. Muito jovem porém, rompeu com a família entrando para o exercito (1777) e combatendo ao lado dos americanos na guerra de independência dos Estados Unidos (1781). Chegou a enriquecer como especulador, mas depois se arruinou; aliou-se a Napoleão, durante os cem dias, e fez cerrada oposição aos Bourbons. Viveu de 1760 a 1825. (TEIXEIRA, 2002, p.47).

Saint Simon não foi um socialista, mas um coletivista. Defendia a igualdade de oportunidades e a abolição do privilégio, a eliminação das distinções de classes e o estabelecimento da igualdade industrial. Não advogou a abolição da propriedade privada, e sim que se deveria fazer ver aos possuidores de riqueza e propriedades que suas posses deviam ser usadas para o bem publico. Acreditou que os conhecimentos e a indústria deveriam unir-se para governar o mundo, formando assim um novo sistema social baseado na associação universal. Tornou-se o líder dos chamados “associacionistas”... Sob a Liderança de Enfantin e Bazard o movimento atingiu seu Clímax e Absurdo. Tentaram reduzir os extremos de riqueza e pobreza propondo que a indústria fosse transferida da propriedade privada para a propriedade publica. (BRUE, 1961, p.320).

Saint Simon era um amante das ciências, assim como amante das artes, acreditava no desenvolvimento dos seres humanos e em sua capacidade, em sua obra “O Sonho” escrita em 1803, Saint Simon descreve uma utopia, onde os homens formariam um conselho e organizariam o mundo segundo Deus, tendo ao seu lado Newton, os homens receberiam suas glórias através das pessoas que os indicariam como os melhores entre os homens em seus trabalhos, mas não receberiam dinheiro, e isso os manteria livres para continuar empregando suas forças em seus trabalhos, lhe seriam garantidos meios de prestar todos os serviços de que seriam capazes. (SAINT SIMON, 1803, TEIXEIRA, 2002, p.51-56)

Em outra obra chamada “A Parábola” publicada em 1810, Saint Simon cria uma suposição de que os mais engenhosos homens desaparecessem, 50 melhores físicos, químicos, fisiologistas, matemáticos, poetas, escultores, músicos, literatos. Mecânicos, engenheiros civis, militares, artilheiros, arquitetos, médicos, navegadores, relojoeiros, banqueiros, farmacêuticos, cirurgiões, pedreiros,

carpinteiros, marceneiros, ferreiros, serralheiros, cutileiros, fundidores, e das mais diversas atividades. Qual seria o efeito deste desaparecimento para a França?

Como esses homens são os franceses mais essencialmente produtivos, os que oferecem os produtos mais importantes, os que dirigem s trabalhos mais úteis á nação e que a tonam produtiva nas ciências, nas belas artes, e nas artes e ofícios, eles são realmente a flor da sociedade francesa; eles são, de todos os franceses os mais úteis a seu país, os que lhe cobrem de maiores glórias, que fazem avançar mais rapidamente sua civilização e sua prosperidade: a nação torna-se-ia um corpo sem alma no instante em que os perdesse ; cairia imediatamente em um estado de inferioridade perante as nações das quais é atualmente rival e permaneceria subalterna em relação a elas enquanto não reparasse sua perda, enquanto não tivesse restaurado sua cabeça. Seria preciso pelo menos uma geração para que a França pudesse reparar essa infelicidade; porque os homens que se distinguem nos trabalhos de utilidade positiva são verdadeiras anomalias , e a natureza não é pródiga em anomalias, sobretudo as dessa espécie. (SAINT SIMON, 1810. TEIXEIRA, 2002, p.58)

Logo depois ele fez uma explanação sobre o desaparecimento dos nobres, como isso afetaria a França.

Esse acidente afligiria certamente os franceses, que são generosos, que não saberiam ver com indiferença, o súbito desaparecimento de um numero tão grande de seus compatriotas. Mas essa perda dos trinta mil indivíduos reputados os mais importantes do estado não lhes causaria tristeza se não de um ponto de vista puramente sentimental, porque dai não resultaria nenhum mal para o estado. Primeiro porque seria muito fácil substituir os lugares que haviam se tornado vagos. (SAINT SIMON, 1810. TEIXEIRA, 2002, p.59).

Segundo Saint Simon era de importância fundamental entender que a França só poderia se desenvolver, prosperar e progredir através dos homens, os mais capazes que faziam com que as belas artes, as artes e os ofícios se desenvolvessem, e para que isso ocorresse era necessário dar aos homens a possibilidade de realizar segundo suas capacidades, o autor coloca o grupo de nobre e auto clero como os que não contribuíam diretamente para o progresso.

A prosperidade da França não pode ocorrer a não ser como o resultado do progresso das ciências, das artes e dos ofícios; ora , os príncipes, os oficiais da coroa, os bispos, os marechais os prefeitos e os proprietários ociosos não contribuem diretamente para o progresso das ciências, das artes e dos ofícios; ao contrário, só fazem prejudicar, pois se esforçam por prolongar a preponderância exercida até hoje pelas teorias conjecturais sobre os conhecimentos positivos; prejudicam necessariamente a prosperidade da nação, privando, como o fazem os sábios, os artistas e os artesãos do mais alto grau de consideração que legitimamente lhes pertence; prejudicam, pois retiram anualmente dos impostos pagos pela nação uma soma de trezentos a quatrocentos milhões a títulos de estipêndios, pensões, gratificações, indenizações, etc., para o pagamento de seus trabalhos, que são inúteis. (SAINT SIMON, 1810. TEIXEIRA, 2002, p.60).

O autor publicou trabalhos posteriormente voltados para a indústria, o que o enquadrava mais ao currículo de economista, mas sua contribuição que nos interessa neste aspecto de felicidade é sua forma de ver o ser humano e na obra “A parábola” fica bem claro que o ser humano deve ser louvado pela sua capacidade de contribuição e não por seu nascimento ou por sua nobreza, Saint Simon ainda defendia que a nação estava invertida, onde muito mais recebiam aqueles que nada contribuíam e para o maior desenvolvimento seria necessário mudar este quadro.

A busca do autor não parece estar focada na felicidade do homem, mas sim no desenvolvimento da nação, para este desenvolvimento seria necessário dar aos homens conforme suas contribuições e apresentar um território que permitisse o desenvolvimento completo das artes e dos ofícios conforme os prodígios de cada ser.

Um grande socialista que precedeu Saint Simon foi Robert Owen, este acreditou ser possível criar uma utopia, descrevendo como seria um mundo criado a partir de um pensador socialista, suas condições financeiras tornaram possível colocar em prática sua teoria, mas que se mostrou infrutífera em apenas 3 anos. O importante sobre Owen é perceber como ele entendia a felicidade humana e qual era o caminho para alcançá-la, claro que não seria simples, mas havia uma metodologia para a aplicação.

12. ROBERT OWEN

Robert Owen viveu entre 1771 e 1858, um industrial nascido na Inglaterra, em uma família de origem modesta, aos 18 anos passou a dirigir uma indústria Têxtil em New Lanarck, com 500 operários; acumulou grande fortuna, tornando-se um importante industrial. Era um autodidata, que acreditava na onipotência do pensamento, e essencialmente agnóstico, tendo proclamado sua independência religiosa em 1817; achava também que o caráter é consequência do meio social e de circunstâncias externas ao homem, e que a educação seria o meio de transformá-lo. (TEIXEIRA, 2002, p.97).

Owen é considerado por Brue o principal utopista inglês, segundo Brue Owen trabalhava em prol da felicidade de seus semelhantes, e acreditava que o homem fosse inteiramente bom e que os males sociais e econômicos tivessem sua causa grandemente identificável no sistema capitalista.

Em sua obra “O Livro do Novo Mundo Moral” escrito entre 1836 e 1844 Robert Owen discorre sobre os princípios e as leis da ciência e natureza humana, a formação do caráter geral, os efeitos sobre a sociedade, a harmonia a unidade e a eficácia da ciência moral, e economia social, a religião, as leis e o governo, as ciências sociais, sua obra é um compendio geral sobre como criar uma nova sociedade, o que de fato Owen tentou realizar, e mesmo tendo fracassado, suas teorias utópicas posteriormente a sua morte se mostrariam capazes de influências as alterações sociais e reformas que viriam. Em sua obra o autor começa descrevendo os cinco fatos fundamentais para a base do sistema racional, que são:

1. O homem é um ser complexo cujo caráter é formado por sua constituição, ou pela organização que traz desde o nascimento, e pelos efeitos de circunstâncias externas, que o cercam e atuam sobre ele do nascimento até sua morte; esta organização original e as influências externas agem e reagem continuamente entre si.
2. O homem é forçado, por sua constituição primitiva, a receber seus sentimentos e suas convicções independentemente de sua vontade.
3. Seus sentimentos ou suas convicções, ou os dois juntos, criam a motivação para agir, denominada vontade, que o estimula a agir e determina suas ações.

4. A organização nunca é exatamente a mesma em dois seres humanos por ocasião de seu nascimento, e a arte não pode formar mais tarde dois indivíduos exatamente iguais, da infância até a maturidade.
5. No entanto, a constituição de cada criança, excetuado o caso de doença orgânica, é capaz de formar um ser superior ou um ser inferior, conforme a natureza das circunstâncias exteriores que influenciem sobre esta constituição após seus nascimento.

Owen acreditava que os seres humanos eram de fato diferentes mas o que os modificava eram as impressões que ficavam conforme os conhecimentos que recebiam e conforme os ambientes em que eram criados, por isso defendia que a educação poderia criar homens não apenas mais sábios, mas com faculdades mentais mais evoluídas. A crítica de Owen com relação ao capitalismo estava diretamente ligada ao homem tendo seus sentimentos e emoções em desacordo com sua inteligência:

O homem é uma organização composta de diversas faculdades corporais e intelectuais, experimentando necessidades ou inclinações físicas e morais, sensações sentimentos e convicção . Na sociedade atual, não há nenhum acordo entre diferentes instintos da natureza; ele é levado a agir por suas sensações ou seus sentimentos que estão muitas vezes em oposição com sua inteligência, o que nele produz um estado de perplexidade e de constrangimento, uma luta diária entre motivações contrárias, fatal a sua saúde e a sua felicidade. (OWEN, 1844, TEIXEIRA, 2002, p.103)

Segundo Owen o homem tem como finalidade de sua existência desfrutar da felicidade.

A finalidade da existência do homem é desfrutar da felicidade, e a mais alta sabedoria humana consiste no conhecimento dos meios para obter e garantir a maior soma de felicidade que seja possível usufruir permanentemente. Esta importante ciência deve preparar o homem para atingir o mais alto grau possível de perfeição física, intelectual e moral. Ora, a experiência lhe ensina que todas as suas inclinações, todas as suas faculdades são igualmente necessária para sua felicidade, e devem ser exercidas e desenvolvidas em ordem conveniente e com moderação, sem jamais ultrapassar determinado ponto, sob pena de desarrumar todas as funções do indivíduo e de prejudicar a saúde de sua organização e o bem estar de seus semelhantes.

Segundo Robert Owen acreditava que o ser humano era composto pela natureza animal, pelas faculdades intelectuais e pelas qualidades morais e que essas três citadas são reunidas no homem em proporções diversas, essas proporções são o que constituem a diferença entre os homens, o autor considera muito importante também notar a forma de criação e educação pela qual os indivíduos passam, esses ambientes externos aos quais são expostos também tem um certo nível de participação na formação do caráter dos indivíduos. (OWEN, 1844, TEIXEIRA, 20002, p 106)

Owen esperava criar um postulado que permitisse moldar um novo caráter para a espécie humana, os homens através da educação e da absorção do conhecimento poderiam se tornar racionais, e assim sendo, se tornariam mais caridosos, gentis e menos propensos a preconceitos, entendendo que as diferenças entre cor, língua, as opiniões e os sentimentos eram apenas a uma diferencial entre os seres humanos. Owen acreditava que seguindo isso, assim que todas as crianças fossem ensinadas desde muito pequenas, logo o mundo não teria mais guerras, desunião, crimes, violência, miséria e outros males. (OWEN, 1844, TEIXEIRA, 2002, p 109).

Na terceira parte do livro de Owen, que ele intitula Economia Social, seu primeiro tópico de discussão é: Condições necessárias para produzir a felicidade da humanidade.

De acordo com todos os fatos conhecidos do homem, parece ser uma lei universal que todo ser vivo deseje a felicidade e faça continuamente todos os esforços para evitar sensações dolorosas e procurar sensações agradáveis. É o instinto vital e o motivo secreto de todos os movimentos físicos e morais em todos os indivíduos da espécie humana; e por isso não se pode nem elogiá-lo nem censurá-lo. (OWEN, 1844, TEIXEIRA, 2002, p.119)

Ainda segundo o autor, existem algumas condições indispensáveis a felicidade humana: 1) A posse de uma boa organização física, intelectual e moral; 2) O poder de buscar á vontade tudo que é necessário para conservar a organização no melhor estado de saúde; 3) A perfeita educação das faculdades físicas, intelectuais e morais de toda a população; 4) O desejo e o meio de proporcionar

continuamente a felicidade de nossos semelhantes; 5) O desejo e os meios de aumentar incessantemente nossa soma de conhecimentos; 6) O poder de usufruir da melhor sociedade e, sobretudo, das pessoas pelas quais somos forçados a maior estima e maior afeição; 7) Os meios de viajar a vontade; 8) A ausência de superstições, de temores sobrenaturais e do medo da morte; 9) A plena liberdade de exprimir nossos pensamentos sobre todos os assuntos; 10) A maior liberdade pessoal de ação compatível com o bem permanente da sociedade; 11) Um caráter formado para nós de maneira a poder exprimir a verdade em todas as ocasiões e a sentir verdadeira caridade pelos sentimentos, pensamentos e conduta de todos os homens e uma sincera benevolência para com cada indivíduo do gênero humano; 12) A residência em uma sociedade bem organizada e bem governada, na qual todas as leis, instituições e dispositivos estejam de acordo com as leis da natureza humana; e 13) A certeza de que todos os seres vivos são tão felizes quanto o permite sua natureza, e sobretudo os seres humanos. (OWEN, 1844, TEIXEIRA, 2002, p 120-121).

Owen queria criar um mundo novo, não apenas modificando o homem e o seu caráter, mas também a forma de convivência entre os homens, ele acreditava que a felicidade poderia ser alcançada com a criação de um espaço planejado, que geraria oportunidades para o desenvolvimento de um caráter melhor e não o que estava sendo criado com o capitalismo, seres humanos frágeis, e debilitados.

Depois de Robert Owen e suas teorias utópicas surge o socialismo científico, tendo como principal autor Karl Marx e como coautor Friedrich Engels. Por ser o socialismo que ganhou maior força expressiva é importante que tenha participação neste trabalho.

13. KARL MARX

Karl Marx nasceu na Renânia, em 1818, sul da Alemanha, a família de Marx pertencia a classe média judaica, iniciou seus estudos de direito em Bonn e finalizou em Berlim, teve como mentor ideológico Hegel, de 1842 a 1843 Marx ocupou o cargo de redator chefe da Gazeta Renana, jornal financiado pela burguesia, a orientação liberal do jornal lhe impôs atritos e o jornal foi fechado, através do jornal se aprimorou nas questões sociais, foi a atividade no jornal que o impeliu em duas direções marcantes: Economia Política e Teorias Socialistas. Em 1843 casou-se com Jenny Von Westphalen, de família recém aristocrática. Em janeiro de 1844, em Paris, publicou Anais Franco-Alemães. Varias obras depois, em 1867 viria a luz O Capital, livro que consagrou Marx (JACOB, Coleção os Economistas, Ensaio Bibliográfico sobre Karl Marx, 1996, p. 2 - 22)

Friedrich Engels, viveu entre 1820 e 1895, era filho de um industrial Têxtil, que pretendia fazê-lo seguir a carreira de industrial por isso o manteve longe da universidade, mas por sua incansável curiosidade intelectual, completou sua formação como aluno ouvinte de cursos livres, o que o aproximou do Hegelianismo e da irrupção materialista de Feuerbach, e depois de ter contato com os operários militantes do Partido Cartista, isso o aproximaria da economia política e do socialismo, em 1844 publicou: Um esboço de uma crítica da economia política. . (JACOB, Coleção os Economistas, Ensaio Bibliográfico sobre Karl Marx, 1996, p. 7 - 8)

No socialismo a corrente que ganhou maior destaque, foi o socialismo Marxista, tendo como principal autor Karl Marx e como principal colaborador Engels, Marx acreditava que a revolução social era inevitável. Dado o momento histórico em que se vivia na época, revolução industrial. Marx acreditava que a forma como as classes sociais estavam divididas e o quanto cada uma participava da economia não era apenas injusto, mas também algo deficiente, acreditava que o capitalismo per si já continha os elementos necessários para ruir, e como já estava fadado a fracassar, os trabalhadores deveriam se unir e antecipar este movimento, dando assim um passo em direção ao socialismo, que previa é claro a felicidade melhor distribuída.

Dá-se por vezes, crédito a Karl Marx pelo expurgo dos elementos inúteis do pensamento material socialista... e por colocar de uma vez por todas o dogma socialista em um plano

científico igual ao de qualquer outra ciência. O fato de ele ter ou não realizado esse feito depende do *raconteur* da história, pois, na realidade, Marx significa tudo para alguns e absolutamente nada para outros. Provavelmente nenhum outro homem teve, na história do pensamento econômico, tanta coisa escrita a seu respeito, seja para elogiar, seja para criticar. Há volumes sobre “O que Marx significa” e volumes sobre o que ele “Não significa”... Seus pontos de vista foram, segundo sua própria interpretação ou de acordo com a de outros, usados para provar, fosse ele um demônio encarnado ou um salvador da humanidade que fundou uma religião, ainda mais poderosa do que a de Cristo ou a de Maomé. Sem dúvida, muitas forças sociais dinâmicas foram, no mundo inteiro, concebidas em nome de Marx (BELL, 1961, p.331-332)

Em Manifesto Comunista, escrito em 1848, Marx inicia sua narrativa mostrando que em toda a história da humanidade, todas as transformações ocorrem através da luta entre classes.

A história de todas as sociedades até nossos dias é a história de lutas de classes.

O homem livre, o escravo, patrício e plebeu, Barão e servo, mestre e companheiro, numa palavra, opressores e oprimidos, sempre estiveram em constante oposição uns aos outros, travaram uma batalha ininterrupta, ora aberta, ora dissimulada, uma luta que terminava sempre com a transformação revolucionária de toda a sociedade ou com a destruição das duas classes em luta. (MARX, Manifesto Comunista, 2007, p.47)

Marx não supunha que a felicidade estava atrelada diretamente ao dinheiro, como moeda, mas sim a capacidade das pessoas de ter acesso aos meios de produção para trabalhar para si mesmos, como no capitalismo muito poucos tem acesso aos meios de produção a maioria se vê obrigado a vender aquilo de que dispõem, ou seja a sua mão de obra, a um preço estipulado pelo capitalista, que visando o lucro coloca o todos um salário de subsistência, a felicidade, ou a capacidade de busca pela felicidade fica reduzida a miséria.

O preço médio do trabalho assalariado é o mínimo do salário, isto é, a soma dos meios de subsistência necessários para manter a vida do operário como operário. Por conseguinte, aquilo de que o operário se apropria por seu trabalho é apenas suficiente para reproduzir a sua vida, reduzida a mais simples expressão. De modo algum pretendemos abolir essa apropriação pessoal dos produtos do trabalho, indispensável para a reprodução da vida do dia seguinte, uma vez que essa apropriação não deixa

nenhum lucro líquido que confira poder sobre o trabalho alheio. O que queremos é suprimir o caráter miserável dessa apropriação que faz com que o operário viva unicamente para aumentar o capital e só viva a medida que o exigem os interesses da classe dominante. (MARX, Manifesto Comunista, 2007, p.66)

A capacidade de gerar a felicidade estaria atrelada ao que Marx considerava liberdade de produção. Com os salários cada vez mais baixos e tendo dificuldades de sustentar sua família o homem se vê então obrigado a por sua esposa e filhos também a trabalhar, vendendo assim ao capitalista o seu segundo bem mais precioso, sua família.

Na medida em que a burguesia cresce; isto é, o capital, também se desenvolve o proletariado, a classe dos operários modernos, os quais só vivem enquanto encontra trabalho e só encontram trabalho enquanto seu trabalho aumenta o capital. Esses operários obrigados, a se vender dia após dia, são uma mercadoria, um artigo de comércio como qualquer outro; e, por conseguinte, estão expostos a todas as vicissitudes da concorrência, a todas as flutuações de mercado.

O desenvolvimento das máquinas e a divisão do trabalho, ao levarem o trabalho dos proletários a perder todo o caráter de autonomia, levam também o operário a perder todo o atrativo pelo trabalho. Ele se torna um mero acessório da máquina, exigindo-se dele somente a operação mais simples, mais monótona, mais fácil de aprender. Em decorrência, o custo do operário se reduz praticamente ao que lhe custa para se manter e para perpetuar sua descendência. Ora, o preço do trabalho, como aquele de toda mercadoria, é igual a seu custo de produção. Logo, à medida que aumenta o tédio do trabalho, diminui o salário. Mais ainda, a soma do trabalho aumenta com o desenvolvimento da máquina e da divisão do trabalho, quer pelo acréscimo do trabalho exigido num tempo determinado, pela aceleração do movimento das máquinas, etc...

Quanto menos habilidade e força o trabalho manual exige, isto é, quanto mais a indústria moderna progride, tanto mais o trabalho dos homens é suplantado por aquele das mulheres e das crianças. As diferenças de sexo e de idade não têm mais importância social para a classe operária. Há apenas instrumentos de trabalho, cujo custo varia de acordo com a idade e o sexo. (MARX, Manifesto Comunista, 2007, p.54-55)

O momento histórico o qual Marx descreve não só se mostra ser um episódio triste da história, mas também um episódio grotesco. Em sua narrativa ele demonstra o quanto o ser humano se torna miserável durante o período da revolução industrial, fazendo a descrição do que foi o êxodo rural, como a massa de

trabalhadores era recebida nas cidades e como os pobres trabalhadores tinham suas vidas desvalorizadas e eram vistos como apenas uma parte da produção necessária.

Para Marx a alegria estava em ser livre, no sentido de ter acesso aos meios de produção e usar sua capacidade para produzir para si mesmo, para produzir com objetivo de troca ou com objetivo de obter lucro, mas sendo livre para produzir e viver, tendo em vista que tudo que era produzido pela natureza deveria ser desfrutado por todos de forma igual e livre.

O próximo escritor, que se destaca entre os economistas que estudaram a felicidade, é William Stanley Jevons, sua teoria se encontra em oposição a teoria de Marx, e em favor da teoria de Bentham, de certa forma sua contribuição quando olhamos apenas para o ponto teórico é muito parecida com a de Bentham, se destacando entre os economistas matemáticos, principalmente na aplicação das teorias através de derivadas.

14. WILLIAM STANLEY JEVONS

Jevons escreveu “A teoria da economia politica” em 1871, o autor acreditava que a ciência da economia política baseia-se sobre poucas noções de caráter aparentemente simples. Utilidade, Riqueza, Valor, Mercadoria, Trabalho, Terra e Capital. Jevons afirma na introdução da quinta edição que o valor depende inteiramente da utilidade, indo contra as opiniões que prevaleciam na época de que o valor seria derivado do trabalho, Jevons acreditava que se a economia deveria ser uma ciência, essa deveria ser uma ciência matemática, sua teoria se baseia na matemática.

A teoria consiste na aplicação do calculo diferencial aos conceitos familiares de riqueza, utilidade, valor, procura, oferta, capital, juro, trabalho e todas as outras noções quantitativas pertencentes às operações cotidianas dos negócios. Como a teoria perfeita de quase todas as outras ciências envolve o uso daqueles cálculos, não podemos, então, ter uma verdadeira teoria da economia sem seu auxilio.

Parece-me que nossa ciência deve ser matemática, simplesmente porque lida com quantidades. Onde quer que os objetos tratados estejam passíveis de ser maior ou menor, aí as leis e relações devem ser matemáticas por natureza. As leis usuais da oferta e da procura tratam inteiramente de quantidades de mercadoria procurada ou oferecida, e expressam a maneira pela qual as quantidades variam em conexão com o preço. Em consequência desse fato as leis são matemáticas. (JEVONS, 1983, p.30)

Jevons defende a economia como teoria matemática, sua argumentação para tal utiliza-se da história das outras ciências antes do desenvolvimento das medições mais apuradas. O autor acreditava ser possível medir o prazer e a dor. Jevons cita Bentham como um dos pensadores que se utilizou da matemática, mostrando que Bentham acreditava no calculo dos prazeres e das dores, quando criava situações onde os prazeres deveriam ser somados e depois deles deveria ser subtraído a soma das dores ou desprazeres, a fim de se alcançar um calculo e se verificar escolhas mais vantajosas. (JEVONS, 1983, p.32-33).

Hesito em dizer que os homens terão um dia os meios de medir diretamente os sentimentos do coração humano. É difícil até mesmo conceber uma unidade de prazer ou de sofrimento; mas é o montante desses sentimentos que está nos induzindo a

comprar e vender, tomar emprestado e emprestar, trabalhar e repousar, produzir e consumir; e é a partir dos efeitos quantitativos dos sentimentos que devemos estimar seus montantes comparativos. (JEVONS, 1983, p.30)

Os prazeres e os sentimentos para Jevons são tão imensos quanto a mente os estima, para o autor não existia a intensão de comparar o calculo do prazer entre as mentes, não apenas pela complexidade deste ato, mas também pela incapacidade de criar um calculo de paridade entre as mentes. (JEVONS, 1983, p.35)

Jevons encontrou um enquadramento para os termos que desejava utilizar, e por fim conclui que aceitação ou não da teoria utilitarista estaria ligada a interpretação correta dos termos, por fim denomina prazer qualquer motivo que nos atraia a certo tipo de conduta, e denomina sofrimento qualquer motivo que nos impeça de ter aquele tipo de conduta. (JEVONS, 1983, p.39).

No capítulo dois, Jevons desenvolve a teoria do prazer e do sofrimento, a qual ele inicia citando Jeremy Bentham e sua teoria sobre as circunstâncias do prazer e da dor, o autor emprego uma linguagem mais matemática para explicar a álgebra que há no prazer e no sofrimento:

Será facilmente aceito que o sofrimento é o oposto do prazer; de forma que diminuir o sofrimento é aumentar o prazer, acrescentar sofrimento é diminuir o prazer. Assim podemos tratar o prazer e o sofrimento como as quantidades positivas e negativas são tratadas na álgebra. A soma algébrica de uma série de prazeres e se sofrimento obtém-se pela adição de todos os prazeres, de um lado, e de todos os sofrimentos, de outro, achando-se então o saldo subtraindo-se do montante maior o montante menor. Nosso objetivo será sempre maximizar a soma resultante na direção do prazer, que podemos convenientemente denominar direção positiva. Atingiremos tal objetivo ao aceitar tudo e empreender toda ação cujo prazer resultante exceda o sofrimento que foi suportado; devemos evitar todo objetivo ou ação que altere o equilíbrio na outra direção (JEVONS, 1983, p.43)

No capítulo três, sobre a utilidade Jevons define o prazer e o sofrimento da seguinte forma:

O prazer e o sofrimento são indiscutivelmente o objeto ultimo do calculo da economia. Satisfazer ao máximo ás nossas necessidades com o mínimo do esforço – obter o

máximo do desejável, a custa do mínimo indesejável -, ou, em outras palavras, maximizar o prazer, é o problema da economia. (JEVONS, 1983, p.47)

Jevons discorre sobre o cálculo da utilidade, definido pelo termo “U”, mas para nossas pesquisas a parte matemática do trabalho não tem grande peso, nos importando mais com a felicidade, a não ser é claro referente a explicação da distribuição de um bem entre usos diferentes, e sua distribuição no tempo. (JEVONS, 1983, p.54-63). Mesmo não nos atendo a parte matemática da teoria de Jevons é interessante atentar para o fato de que a felicidade nesta época esta grandemente associada a capacidade de consumir, essa capacidade estando por sua vez associada a quantidades e qualidades, não apenas de subsistência, mas também para o prazer e até para a ostentação.

Para a continuidade da análise das contribuições dos economistas visando o tema felicidade, passaremos agora para Menger, exímio escritor, e estudioso de Economia Política, com uma teoria menos matemática.

15. CARL Menger

Carl Menger nasceu em 28 fevereiro de 1840 em Nova Sandec, na Galícia, território atualmente pertencente a Polônia. Seu pai era advogado e provinha de uma família austríaca de artesãos, músicos, funcionários públicos e militares, a qual somente uma geração antes imigrará dos territórios alemães da Boêmia para as províncias ao leste. Carl estudou nas universidades de Viena (1859-1860) e Praga (1860-1863). Depois de seu doutoramento em Cracóvia, atuou primeiro como jornalista em Lemberg e Viena, Entrou para o funcionalismo público administrativo no Departamento de Imprensa do Conselho de Ministros, ocupando o cargo que sempre representou uma posição especial no serviço público da Austria e atraiu muitos homens de talento. Em 1873 foi nomeado docente extraordinário e renunciou ao cargo público, em 1876 foi nomeado para ser tutor do infeliz príncipe Rudolf, acompanhou o príncipe por dois anos em viagens. Em 1879 recebeu a nomeação para professor catedrático de economia política na universidade de Viena. Faleceu em 1921. Em 1871 Carl Menger, juntamente com Jevons publicou o seu livro “Princípios de Economia Política”, esse ano é considerado por todos e com razão, o início de uma nova época na evolução da economia política. (HAYEK, Coleção os Economistas, Ensaio Bibliográfico, 1983, p. 213-232)

Pesquisar os fundamentos da economia política significa dedicar as forças ao cumprimento de uma tarefa intimamente ligada ao bem estar humano, servir a um interesse público de altíssima importância e empreender uma caminhada na qual até mesmo o erro pode ter o seu mérito. (Menger, 1983, p.239)

Para Menger, o estudo de economia política é extremamente importante por ser o estudo do ser humano, mas ele afirma em seu prólogo, que a economia política, como ciência teórica, não se preocupa ocupar com propostas práticas para o agir econômico, mas trata das condições em que os homens desenvolvem suas atividades no atendimento às suas necessidades. (Menger, 1983, p.241).

No Capítulo um Menger discorre sobre a doutrina geral sobre os bens, sua descrição sobre a satisfação das necessidades é uma contribuição muito interessante:

Todas as coisas são regidas pela lei da causa e do efeito. Esse grande princípio não sofre exceção; seria inútil procurar algum exemplo contrário, no âmbito empírico. O progresso do desenvolvimento humano não tende a anular ou enfraquecer esse princípio, mas antes a confirmar sempre mais sua validade, ampliando cada vez mais o âmbito de sua aplicação; portanto, o reconhecimento incondicional e crescente desse princípio esta ligado ao próprio progresso humano.

Também a nossa própria personalidade – e cada estado da mesma – enquadra-se nesse encadeamento da causalidade universal; a nossa passagem de um estado para o outro é incogitável fora dessa lei. Se, portanto, quisermos passar do estado de necessidade para o estado de satisfação dessa necessidade, deve haver causas suficientes que levem a essa mudança de estado; em outros termos: ou esse estado de necessidades é eliminado pelas forças existentes em nosso próprio organismo, ou então agem sobre nós coisas externas que por sua natureza são aptas a colocar-nos naquele estado que denominamos satisfação de nossas necessidades. (MENGER,1983, p.241).

A definição de bens de Menger vem da ideia de utilidade como coisas que podem satisfazer as necessidades humanas e bens sendo essas coisas. Menger afirma que para que uma coisa vire bem é necessário que ela atenda a quatro pressupostos: 1º A existência de uma necessidade humana; 2º Que tenha qualidades que a tornem apta para satisfazer as necessidades; 3º Que o homem reconheça que essa coisa pode satisfazer a uma necessidade e 4º O homem precisa dispor da coisa para satisfazer a necessidade. (MENGER, 1983, p.244)

Mesmo empregando a ideia de que os bens só são bens quando empregados para satisfazer as necessidades humanas, Menger abre um parêntese para os bens que fazem parte de uma situação peculiar, que não são uteis para satisfazer as necessidades humanas, afirmando que essa peculiaridade ocorre quando se atribuem as coisas qualidades que não possuem ou erram ao acharem que existem necessidades humanas que de fato não existem, ele cita: artigos de beleza (desta suposição discordamos), amuletos, remédios primitivos, varinhas de condão, bebidas afrodisíacas, ídolos, deuses, etc; Segundo Menger esses bens são

derivados de propriedades imaginárias , assim podendo ser denominados, bens imaginários. Menger afirma que o desenvolvimento cultural também leva a cada vez menos bens imaginários, e quanto mais rica uma nação ou região menos bens imaginários poderão ser verificados. (MENGER, 1983, p. 244-245)

Na medida em que depende da satisfação de nossas necessidades, nosso bem estar esta assegurado quando dispomos de bens necessários para o atendimento direto e imediato das mesmas. Se, por exemplo, possuímos a necessária quantidade de pão, esta diretamente em nosso poder o atendimento á nossa necessidade de alimentação; portanto, o nexo causal entre o pão e a satisfação de uma de nossas necessidades é um nexo direto e imediato, não havendo dificuldade alguma em demonstrar que, no caso, o pão tem todas as características de um bem (MENGER, 1983, p.246)

Menger faz uma descrição do que ele entende por progresso econômico:

A forma mais primitiva da economia ocupacional limita-se a coleta dos bens de ordem inferior oferecidos pela própria natureza. Nesse caso a atividade humana não exerce nenhuma influência na produção desses bens, e o surgimento desses bens, é por assim dizer, casual em relação às necessidades humanas. Se, porém, os homens começarem a abandonar essa forma de economia primitiva, se começarem a pesquisar as coisas de cujo encadeamento causal provêm os bens de consumo, e assumirem o controle desses fatores, ou seja, transformarem essas coisas em bens de ordem superior, ocorrerá o seguinte: o surgimento dos meios de consumo continuará a processar-se com base na lei da causalidade, porém seu surgimento já não será algo casual em relação aos desejos e necessidades dos homens, constituirá um processo que passará a ser controlado por eles, e será dirigido em função dos objetivos ditados pelos homens, dentro dos limites permitidos pela natureza. Os bens de consumo, que antes eram simplesmente o resultado de uma coincidência casual das condições de seu surgimento, passam a ser, no momento em que os homens assumem o controle do processo, um produto da vontade humana (dentro dos limites impostos pela natureza), e as quantidades de bens disponíveis só encontrarão um limite: a compreensão do nexo causal entre as coisas e fatores, mais o domínio e controle desse processo por parte dos homens. O conhecimento progressivo do nexo causal das coisas com o bem estar humano e o domínio progressivo das condições mais remotas dos mesmos conseguirmos, portanto, levar a humanidade do estágio primitivo e de miséria extrema para o estágio atual de cultura e bem estar, conseguiram transformar grandes áreas – habitadas por poucas pessoas, trabalhando duramente e no entanto vivendo em pobreza extrema – em terras densamente povoadas; e não resta duvida alguma de que, também no futuro, é

desta forma que se dará o progresso econômico da humanidade. (Menger, 1983, p.257)

Para Menger o progresso econômico estava densamente ligado a capacidade de satisfazer as necessidades humanas, tomando as rédeas da produção, conhecendo e fazendo com que a construção dos bens necessários deixassem de ser apenas uma coincidência e sim que os bens de ordem inferior fossem domados e levados a produzir para satisfazer as necessidades do homem.

Pois, se dispusermos de os bens necessários para atender às necessidades , o atendimento concreto dependerá simplesmente da nossa vontade; com isso, nosso objetivo será praticamente assegurado, pois nesse caso a vida e o bem estar estão em nossas mãos. (Menger, 1983, p. 259)

Menger acreditava que a felicidade assim como a satisfação do ser humano, estaria ligada diretamente a sua capacidade de atender as suas próprias necessidades, não apenas no período presente, mas também, de forma precavida, para a previdência. (Menger, 1983, p. 262)

Para o autor os bens de primeira ordem são os que satisfazem a necessidade imediata, os bens superiores são os meios de produção, que podem transformar bens de ordem inferior em bens de primeira ordem. (Menger, 1983, p. 263).

As necessidades humanas para Menger, são o cerne de toda sua teoria, a sua descrição sobre os bens esta sempre atrelada a as necessidades, sua criação sobre os bens de ordem superior, inferior, de primeira ordem, são uma inovação para a economia na época em que foi lançada a teoria, a teoria dos bens levou Menger a desenvolver uma teoria do valor voltada para a demanda e para a utilidade na satisfação das necessidades.

Passamos para uma análise daquele que é considerado por Ottolmy Strauch (Strauch, Coleção os Economistas, Ensaio Bibliográfico sobre Alfred Marshall, 1996, p. 5) como legitimamente pertencente, a linhagem dos grandes mestres fundadores da Economia Política Clássica inglesa, Alfred Marshall, que segundo ainda Strauch é um dos grandes divisores de águas no desenvolvimento das ideias econômicas, representando a transição da antiga para a moderna economia.

16. ALFRED MARSHALL

Segundo Strauch Alfred Marshall, como herdeiro da rica ciência econômica intelectual dos economistas e pensadores do século XVIII e XIX, sistematizou e quantificou o material de Adam Smith e Ricardo, reciclando-os e os tornando computáveis. (STRAUCH, Coleção os Economistas, Ensaio Bibliográfico sobre Alfred MARSHALL, 1996, p. 6)

A bibliografia de Marshall não pode ser separada de suas obras, nasceu em 26 de julho de 1842 em Clapham, Filho de William Marshall e Rebeca Oliver, classe média, foi influenciado por um pai antifeminista, e que desejava que ele virasse clérigo. Aos nove anos de idade fez seus estudos de letras e línguas clássicas em um reputado estabelecimento de ensino, Merchant Taylor's School, como bolsista, ganhou uma bolsa de estudos para Oxford, em estudos clássicos, mas declinou e foi fazer curso superior em matemática no St John's College da Universidade de Cambridge, exímio aluno de matemática, graças a ela consegue transformar o material de Adam Smith, David Ricardo e Stuart Mill em "uma máquina moderna de pesquisa". Concluiu o curso de matemática em 1865 e se tornou professor, Estudou filosofia, se tornou agnóstico. Principalmente sobre a influência de alguns professores universitários começou a frequentar um grupo de debates chamado Grote Club, passou a se preocupar com as questões sociais, sendo levado a percepção de que "a pobreza estava na raiz de muitos males sociais", o que acabou por conduzir ao estudo da economia. Em 1868 cessou o professorado de matemática e passou a exercer a livre docência de uma nova cadeira no currículo de ciências morais, criada em St John's especialmente para que ele pudesse dar aulas de economia política e lógica, durante os nove anos seguintes Marshall continuou em Cambridge lecionando e elaborando as bases de seu pensamento econômico. Em 1875 visitou os EUA, Harvard e Yale, e manteve longas conversações com economistas acadêmicos. Em 1877 Casou-se com Mary Paley, economista formada, ex-aluna de Marshall, que muito contribuiu em sua obra. Ao casar-se foi obrigado a abrir mão da posição que ocupava no St John's e foi para Bristol, como diretor do colégio universitário de Oxford. Em 1879 publicou seu primeiro livro *Economics of Industry*. Em 1883 tornou-se livre docente de Economia Política de Balliol. Adquiriu crescente prestígio nos currículos universitários. Em janeiro de 1885 voltou para

Cambridge como professor titular de Economia Política, cátedra que ocupou por 23 anos até aposentar-se em 1908, para dedicar-se exclusivamente a sua obra de economista. Morreu em julho de 1924 pouco antes de completar 82 anos. (STRAUCH, Coleção os Economistas, Ensaio Bibliográfico sobre Alfred MARSHALL, 1996, p. 7 - 13).

Justamente em uma época em que a controvertida teoria do valor dividia os economistas em posições irreconciliáveis, Marshall conseguiu o introduzir o fator tempo na análise econômica pela distinção entre curtos e longos períodos, ele procurou com efeito determinar o papel do custo objetivo de produção (longos períodos) e a do utilidade marginal (períodos curtos) na determinação do valor dos bens e serviços. (STRAUCH, Coleção os Economistas, Ensaio Bibliográfico sobre Alfred MARSHALL, 1996, p.15).

Alfred Marshall pretendia utilizar uma linguagem que se torna-se compreensiva para os acadêmicos e intelectuais assim como para os homens de negócios desta forma a leitura de seu livro “Princípios de Economia” se torna, não apenas uma leitura simples, mas muito elucidativa, como professor durante toda a sua vida, ensinar se tornou uma arte, e a forma como seus alunos se recordam dele é de suscitar inveja. Como o próprio Marshall cita no prefácio a primeira edição, a obra dele é uma tentativa de apresentar numa versão moderna as velhas doutrinas, com a ajuda dos novos trabalhos e com referência aos novos problemas da época.

As leis e raciocínios econômicos são, de fato, apenas uma parte do materialismo que a consciência e o bom senso têm que levar em conta na resolução de problemas práticos e na fixação de regras que sirvam de normas para orientação na vida. As forças éticas estão, entretanto, entre as que o economista deve considerar. Tem-se tentado, na verdade, construir uma ciência abstrata com respeito as ações de um “homem econômico”, que não seja sob influências éticas e que procure, prudente e energeticamente, obter ganhos pecuniários movidos por impulso mecânico e egoísticos. Mas essas tentativas não têm sido coroadas de êxito, nem tampouco realizadas integralmente, pois que não têm tratado o homem econômico como perfeitamente egoísta. Ninguém sabe melhor que o homem econômico resistir ao trabalho árduo e aos sacrifícios, no desejo altruístico de prover as necessidades de sua família.

Marshall acreditava que o ser humano era em sua síntese, um ser econômico, mesmo que, não o deseja-se ser, o homem que deseja economizar, bem como o de sujeitar-se a um certo esforço por uma recompensa, assim como a esperteza para procurar os melhores mercados onde se deveria comprar e vender, a escolha do ofício para si e para seus filhos, os de maior rentabilidade, assim a economia podia ser aplicada as ações não comerciais. Em sua forma eloquente o autor reconcilia a teoria do valor trabalho com a ideia do equilíbrio geral.

...Embora haja uma linha nítida de divisão entre o próprio homem e os meios que ele usa, e ainda que a oferta e a procura dos esforços e sacrifícios humanos ofereçam particularidades que lhes são próprias e que não são comuns á oferta e a procura de bens materiais, ainda assim tais bens materiais, em ultima análise, são geralmente, eles mesmos, o resultado do trabalho humano. As teorias do valor do trabalho e das coisas por ele feitas não podem ser separadas: São partes de um grande todo; e as diferenças que entre elas existam mesmo em matéria de detalhes, revelam-se pela análise, na maior parte, diferenças de grau antes do que de natureza. Assim como, a despeito das grandes diferenças de forma entre os pássaros e quadrúpedes, há uma ideia fundamental por entre as suas estruturas, do mesmo modo a teoria geral do equilíbrio da oferta e da procura é uma ideia fundamental que se encontra através das estruturas das varias partes do problema central da distribuição e troca. (MARSHALL, 1996, p.27-28)

Para o autor um dos males estava em se traçar linhas que a natureza não impôs, que não poderiam ser traçadas na vida real, ele cita o exemplo de que não há linha nítida entre as coisas que são e que não são capital, assim como não há linha nítida entre as coisas consideradas essenciais ou não há vida, ou ainda, entre o trabalho que se considera produtivo e o que assim não é considerado. Marshall acreditava que as coisas deveriam ser aplicadas a vida, mas não que a vida deveria ser simplificada.

...É necessário enfrentar a dificuldade e considerar os vários elementos de um problema econômico – não como determinantes uns dos outros numa cadeia de causas, A determinando B, B determinando C, e assim por diante – Mas todos se determinando uns aos outros. A ação da natureza é complexa: e nada se ganhará, afinal, pretendendo que ela seja simples e tentando descrevê-la numa série de proposições elementares. (MARSHALL, 1996, p.58-59)

A descrição dos pobres feitas por Marshall é impecável, e linda, sua descrição esta mais voltada para a realidade e para a causa e efeito do que propriamente para a instigação da fúria, para ele a esperança na extinção da pobreza e da ignorância estava na nova forma de desenvolvimento da tecnologia associada ao trabalho, nas formas de produção que liberavam o homem dos trabalhos mais exaustivo e degradantes, fazendo assim com que pudessem se desenvolver intelectualmente, sua critica não era um ataque direto aos capitalistas, mas uma critica a pobreza.

E, além da ralé, há grandes contingentes da população, tanto as cidades como no campo, que crescem com insuficiência de alimentos, de vestuário e de alojamentos, com educação cedo interrompida a fim de irem ganhar o sustento no trabalho, ocupando-se desde então durante longas horas em esforços exaustivos com corpos mal nutridos, e não tendo assim oportunidade de desenvolver suas mais altas faculdades mentais. Sua vida não é necessariamente insalubre ou infeliz. Contentando-se com suas afeições para com Deus e o homem, e às vezes mesmo possuindo certa natural delicadeza de sentimentos, podem levar uma vida menos incompleta do que a de muitos que dispõem de maior riqueza material. Mas, com tudo isso, sua pobreza lhes é um grande e quase absoluto mal. Mesmo quando estão em de saúde, seu esgotamento frequentemente causa agudo mal estar, seus prazeres são poucos; e quando vem a doença, o sofrimento causado pela pobreza aumenta dez vezes. E, embora um espírito resignado possa conseguir reconcilia-las com esses males, outros há com os quais esse espírito não se acomodará. Com excesso de trabalho e insuficiência de instrução, cansados e deprimidos, sem sossego e sem lazer, não têm oportunidade de aproveitar o melhor de suas faculdades mentais. (MARSHALL, 1996, p.78)

No primeiro capítulo de seu livro, Marshall defende a indústria e a forma como se desenvolveu o comercio dando ênfase a forma inapropriada com que a palavra concorrência é empregada, mostrando que o termo concorrência assumiu uma forma pejorativa e passou a implicar egoísmo e indiferença com o bem estar dos outros, mas de fato a indústria moderna da mesma forma que abre novas oportunidades a desonestidade também abre ao homem a possibilidade de escolher, de fazer negócios segundo suas faculdades, seus anseios e seus cálculos do que lhe seria bom, não necessariamente tendo que lesar a outros para os seus fins.

Alfred Marshall como eloquente professor, no primeiro parágrafo do segundo capítulo fala sobre o que é a economia, não que ele tenha substituído a máxima sobre alocação de recursos, mas ele leva a economia muito mais para o lado humano da matéria, como uma ciência social aplicada, que é exatamente o que ela é.

Economia é um estudo dos homens tal como vivem, agem e pensam nos assuntos ordinários da vida. Mas diz respeito, principalmente, aos motivos que afetam de um modo mais intenso e constante, a conduta do homem na parte comercial de sua vida. Todo indivíduo que tem algum valor põe nos seus negócios o melhor de sua natureza; e no comércio, como em outras atividades, é ele influenciado por suas afeições pessoais, por suas concepções de dever e respeito pelos ideais elevados. A verdade é que as melhores energias dos mais hábeis inventores e organizadores de métodos e instrumentos aperfeiçoados são mais estimuladas por uma nobre emulação do que pelo amor ao dinheiro em si. Contudo, o motivo mais constante para a atividade dos negócios é o desejo da remuneração, a recompensa material do trabalho. Essa remuneração poderá ser gasta egoisticamente ou altruisticamente, para fins nobres os mesquinhos, e nisto influi a variedade da natureza humana.

A economia como um estudo do viver, agir e pensar, é como o estudo de todas as facetas do homem, entender como e porque os homens tomam certas escolhas é uma forma de pensar economia, quais os caminhos que levam a uma felicidade ou prazer maiores, quais os caminhos que levam a menos prazer ou mais dor, esse cálculo, ainda que pareça simples tem uma complexidade imensa, o homem é movido pelo dinheiro para a busca por esses prazeres, neste sentido a economia busca entender a procura do homem pela felicidade e quais as formas que ele tem a mão para alcançá-la.

Os Economistas estudam as ações dos indivíduos, mas do ponto de vista social antes do que da vida individual; e por conseguinte, pouco se preocupam com as particularidades pessoais de temperamento e de caráter. Eles observam cuidadosamente a conduta de toda uma classe de gente, algumas vezes o conjunto de uma nação ou somente aqueles que vivem numa certa região, mas frequentemente aqueles que se ocupam com ofícios particulares num certo momento e num determinado lugar. (MARSHALL, 1996, p.94)

Para Marshall a economia, estudando o que motiva os homens a irem em certas direções, pode conseguir através de cálculos econométricos uma previsão de

resultados para certas políticas, segundo ele é possível estimar os resultados e assim prever as políticas com menor e maior impacto.

A síntese que Marshall realiza para a economia é tão imensa e tão espetacular que por muito anos ele se tornaria indispensável ao estudo de economia, sua ligação entre o social e o econométrico, a matemática e a vida humana são a síntese de uma nova era, a capacidade das estimativas econométricas que surgem a partir dele são de fato um início de uma economia completamente nova, uma economia que alcança muito maior êxito, além de muito maior prestígio.

Este trabalho não é um estudo sistemático da doutrina Marshall, e mesmo sendo perceptível que há muito mais de Marshall para ser estudado como ponto de partida para o entendimento humano, nos apegamos aqui mais a sua introdução do que é a economia e como ele vê o ser humano.

Tendo a felicidade como ponto de partida de todo o estudo para a criação desta monografia, passamos então a um outro pensador, após Marshall ocorreu um grande Gap na economia com relação a felicidade, os estudos dos autores economistas de voltaram em outra direção, na direção matemática, econométrica, entre outras. O retorno da teoria no sentido humano, ocorre então com Amartya Sen, um escritor que não apenas escreveu trabalhos incríveis como também ajudou a mensurar a felicidade através da criação de índices. Foi agraciado com o Nobel.

17. AMARTYA SEN

Nascido em uma culta e cosmopolita família hindu, Amartya cresceu em meio aos horrores da fome em Bengala, violência nas comunidades, colapso do domínio britânico e os movimentos separatistas. Aluno brilhante e agitador no campus universitário em Calcutá, ele superou uma manifestação quase letal de câncer, obteve as melhores notas no exame de admissão à universidade e foi estudar no Trinity College, em Cambridge. Desde 1970 Sen residiu sobretudo na Inglaterra e nos EUA, mas a Índia sempre esteve presente em seus pensamentos. (NASAR, 2012, p.480)

Sen tomou como referência suas próprias experiências, fez estudos profundos sobre os despossuídos e, tendo sólidos conhecimentos da filosofia oriental e ocidental, questionou cada faceta do pensamento econômico contemporâneo. Ao desafiar pressupostos tradicionais sobre o alcance do bem estar social e sobre como medir o progresso, ele tem ajudado a restaurar “uma dimensão ética na discussão de problemas econômicos vitais”. É um intelectual público, envolve-se com questões que abrangem desde a fome a mortalidade feminina prematura ao multiculturalismo e a proliferação nuclear. Sua inspiradora trajetória, de uma Calcutá empobrecida, na Índia recentemente independente, às torres de marfim da Universidade de Cambridge, Inglaterra, e da Universidade de Cambridge, Massachussetts – de onde empreendeu o caminho de volta – é um triunfo da razão, da empatia e de uma determinação muito humana de superar inacreditáveis desigualdades. (NASAR, 2012, p.480)

Sen iniciou seus estudos em 1939, numa escola missionária inglesa. Dois anos depois, como os japoneses avançaram em direção a Índia britânica, ele foi enviado para morar com seus avós maternos em Santiniketan, ao norte de Calcutá. Sen nasceu naquela classe acadêmica e funcionários públicos que falava inglês e que ajudou a governar a Índia britânica. Ele descreveu seu pai como “homem aventureiro”, que se doutorou em química pela universidade de Londres, após retornar a Bengala, contraiu um casamento arranjado, se tornou chefe do departamento de química agrícola na Universidade de Dacca, os Sen moravam numa típica casa local, que media oitenta ou noventa metros de comprimento, na parte da frente e que tinha, em seu interior, “um pátio aberto para o céu”, com muitas acomodações para os criados e parentes. O avô materno de Sen, Kshitimohan Sen,

um acadêmico, especializado em sânscrito, lecionava na Universidade Visva Bharati. Sen frequentou aulas na escola coeducacional de Tagore, debaixo de um eucaliptal. Passava a maior parte do tempo livre com o avô. (NASAR, 2012, p.482)

Em 1943 com a guerra, a fome que se seguiu na Índia culminou com a morte de 3 milhões de pessoas, a maioria pescadores pobres e camponeses sem terra, que morreram de inanição e de doenças. Ainda mais dramática foi a erupção da violência nas comunidades, na véspera da independência, com o conflito religioso. O efeito que isso causou em Sen foi sua declarada aversão a todas as formas de fanatismo religioso e nacionalismo cultural. (NASAR, 2012, p. 483-484)

Pouco antes de seu décimo nono aniversário, Sen sentiu um carroço do tamanho de uma ervilha no céu da boca. Um farmacêutico o examinou e disse que aquilo era uma espinha de peixe que se encravara na pele. O carroço não desapareceu e aumentou de tamanho, após se consultar com um estudante de medicina que morava no quarto vizinho ao seu, na Associação Cristã de Moços, ele ficou sabendo que cânceres de boca eram bastante comuns entre os homens indianos. Algumas horas de leitura de um manual de medicina o convenceram de que ele tinha um carcinoma de nível dois.

Passaram-se meses e foi necessária a intervenção de parentes e amigos da família para que ele fosse submetido a uma biópsia no Hospital do Câncer Chittaranjan, em Calcutá. A biópsia confirmou suas suspeitas. Naquela época o diagnóstico de um câncer bucal era uma sentença virtual de morte. A cirurgia, em geral, acelerava a expansão do câncer, e como resultado, a maioria dos doentes sufocava, à medida que os tumores bloqueavam a gradualmente a traqueia. A radioterapia, tratamento padrão praticado na Inglaterra e nos Estados Unidos, desde o início do século, ainda era muito cara e difícil para ser disponível em Calcutá. Após ler sobre a radioterapia em revistas médicas, Sen finalmente conseguiu localizar um radiologista disposto a tratar dele. O radiologista insistiu muito com Sen para que o deixasse usar uma dose máxima e justificou o risco dizendo: “Não posso repetir a dose”. Para Sen, a possível morte devida ao excesso de radiação parecia preferível à morte certa por sufoco.

O tratamento foi desagradável e tão terrível quanto aquilo que se seguiu. Foram feitos um molde e uma máscara. Agulhas de rádio foram colocadas dentro da máscara. Como o herói de Victor Hugo, Sen sentou-se no acanhado quarto de um hospital, com a máscara fortemente afivelada a seu rosto, “para que não houvesse movimento algum”. O procedimento foi repetido diariamente, durante uma semana. “Eu ficava sentado lá durante quatro horas e lia”, recordou Sen. “Enxergava uma árvore através da janela. Quanto alívio enxergar aquelas árvores tão verde”.

A dose era grande, quatro ou cinco vezes maior do que a dose padrão de hoje. Depois que ele foi mandado para casa – agora seus pais moravam em Calcutá - apareceram os efeitos da radiação: úlceras, dos nos ossos, rouquidão, dificuldade de engolir. “Minha boca parecia feita de argamassa. Não podia frequentar as aulas. Não podia comer alimentos sólidos. Vivia com medo de infecção. Não conseguia rir sem sangrar. Tomei conhecimento direto da miséria humana”. A miséria durou quase seis meses, e aqueles foram apenas os efeitos imediatos. Ao longo do tempo, a radiação destrói ossos e tecidos, provoca necroses e fraturas, destrói os dentes.

O câncer foi um momento de definição. Saber que se tem uma doença devastadora, especialmente uma doença que é cercada de um estigma social, que é um tabu, não é apenas aterrorizante. Faz com que a pessoa se sinta poluída, marginalizada, despossuída. As coisas terríveis que Sen testemunhou ao crescer eram chocantes, mas aconteciam com os outros. Agora isso estava acontecendo com ele, mas provocou uma identificação duradoura com aqueles que também não tinham voz, sofriam e eram privados de tudo. (NASAR, 2012, p.485-486)

Amartya Sen retornou aos estudos, logo começou a tirar as melhores notas e ganhar todo tipo de prêmios, inclusive prêmios em debates. Se candidatou ao Trinity College em Cambridge, e foi rejeitado, mas, passado alguns meses foi convocado inesperadamente, seu pai gastou seus parques haveres, e assim em 1953, pouco antes de seu vigésimo aniversário, foi de navio de Bombaim a Liverpool. Na universidade escreveu sobre escola das técnicas e se em 1960 tivesse parado de escrever , seria conhecido como adepto de Nehru a favor da indústria pesada. Entretanto por volta de 1970 ele direcionou seu enfoque intelectual e escreveu uma série de admiráveis ensaios filosóficos sobre o bem estar social. (NASAR, 2012, p. 487)

Em 1998 Amartya Sen foi laureado com o prêmio Nobel de economia, doou metade do milhão de dólares que recebeu para implantar duas fundações, uma no oeste de Bengala e outra em Bangladesh, cuja finalidade é promover a educação primária em áreas rurais. (NASAR, 2012, p.494)

Amartya significa “destinado a imortalidade” (NASAR, 2012, p.480)

Amartya criou o conceito "desenvolvimento como liberdade", neste conceito a expansão da liberdade é vista, como o principal fim e o meio de desenvolvimento, o desenvolvimento consiste na eliminação de privações de liberdade que limitam as escolhas e as oportunidades das pessoas de exercer ponderadamente sua condição

de agente. Essa condição de agente é restrita e limitada pelas oportunidades sociais, políticas e econômicas as quais se dispõem, Sen Acredita que deve ser dada a cada agente a oportunidade de se desenvolver na sociedade como um agente ativo e não apenas como um recebedor de benefícios, desta forma se obtém o desenvolvimento individual e o desenvolvimento coletivo.

A análise do desenvolvimento...considera as liberdades dos indivíduos os elementos constitutivos básicos. Assim, atenta-se particularmente para a expansão das “capacidades” [capabilities] das pessoas de levar o tipo de vida que elas valorizam – e com razão. Essas capacidades podem ser aumentadas pela política pública, mas também, por outro lado, a direção da política pública pode ser influenciada pelo uso efetivo das capacidades participativas do povo. Essa relação de mão dupla é central... (SEN, 2000, p.32)

O desenvolvimento é visto no livro “Desenvolvimento como liberdade”, como um processo integrado de expansão de liberdades substantivas interligadas, as privações de liberdades das quais trata-se são, liberdade básica de sobreviver, acesso a serviços de saúde , educação funcional, emprego remunerado, segurança econômica e social, igualdade entre homens e mulheres, liberdades políticas e direitos civis básicos. Além é claro das liberdades elementares: Saciar a fome, nutrir-se, acesso a remédios, oportunidades de vestir-se de modo apropriado, oportunidades de moradia, acesso a água tratada e saneamento, serviços públicos, assistência social e instituições que promovam a paz e a ordem. (SEN, 2000, p.29-30)

A ligação entre liberdade individual e realização de desenvolvimento social vai muito além da relação constitutiva – por mais importante que ela seja. O que as pessoas conseguem positivamente realizar é influenciado por oportunidades econômicas, liberdades políticas, poderes sociais e por condições habilitadoras como boa saúde, educação básica e incentivo e aperfeiçoamento de iniciativas. As disposições institucionais que proporcionam essas oportunidades são ainda influenciadas pelo exercício das liberdades das pessoas, mediante a liberdade para participar da escolha social e da tomada de decisões públicas que impelem o progresso dessas oportunidades. (SEN, 2000, p.19)

Amartya crê que essas liberdades estão interligadas como um ciclo, quando se inicia a capacidade de obter as liberdades que levam a diminuição ou a extinção das privações essas levam a mais desenvolvimento, o qual leva a mais diminuição de privação, este é o ciclo, assim temos como meio e fim. (SEN, 2000, p.10)

A expansão da liberdade é vista, por essa abordagem, como o principal fim e o principal meio do desenvolvimento. (SEN, 2000, p10)

No trabalho deste escritor, a pobreza e a desigualdade levam a privação das capacidades básicas, essas privações levam a: morte prematura, subnutrição, morbidez, analfabetismo e deficiências, a falta de renda é uma fonte de efeitos debilitadores muito abrangentes, sobre a liberdade iniciativa e as habilidades dos indivíduos, contribuindo para a exclusão social, perda de autonomia e de auto confiança, saúde física e psicológica. Falta de renda também altera índices de mortalidade, tanto infantil quanto a taxa de sobrevivência ao longo dos anos, uma liberdade elementar a ser considerada e a capacidade de sobreviver ao invés de sucumbir à morte prematura. (SEN, 2000, p. 35)

Na origem da economia, a necessidade de estudar a avaliação das oportunidades que as pessoas têm para levar uma vida boa e as influências causais sobre essas oportunidades, teve um enfoque significativo, com o tempo a disciplina tendeu a afastar-se do enfoque sobre o valor da liberdade em favor do valor das utilidades, renda e riqueza.

A abordagem...concentra-se em uma base factual que a diferencia da ética prática e da análise de políticas econômicas mais tradicionais, como a concentração “econômica” na primazia de renda e riqueza (e não nas características das vidas humanas e nas liberdades substantivas), o enfoque “utilitarista” na satisfação mental (e não no descontentamento criativo e na insatisfação construtiva), a preocupação “libertária” com o procedimento para a liberdade (com deliberada desconsideração das consequências acarretadas por esses procedimentos), etc. (SEN, 2000, p.34)

No capítulo liberdade, capacidade e qualidade de vida, Sen explica sobre a semelhança entre liberdade e qualidade de vida:

...A perspectiva baseada na liberdade apresenta uma semelhança genérica com a preocupação comum com a “qualidade de vida”, a qual também se concentra no modo como as pessoas vivem (talvez até mesmo nas escolhas que têm), e não apenas nos recursos ou na renda de que elas dispõem. O enfoque na qualidade de vida e nas liberdades substantivas, e não apenas na renda e na riqueza, pode parecer um afastamento das tradições estabelecidas na economia, e em certo sentido é mesmo (especialmente se forem feitas comparações com algumas das análises mais rigorosas centralizadas na renda que podemos encontrar na economia contemporânea). Mas, na verdade essas abordagens mais amplas estão em sintonia com as linhas de análise que têm sido parte da economia profissional desde o princípio. As conexões aristotélicas são suficientemente óbvias (o enfoque de Aristóteles sobre “florescimento” e “capacidade” relaciona-se claramente a qualidade de vida e às liberdades substantivas, como foi discutido por Martha Nussbaum). Há fortes conexões também com a análise de Adam Smith sobre as “necessidades” e as condições de vida. (SEN, 2000, p.40)

Ver o desenvolvimento a partir das liberdades substantivas das pessoas, tem implicações muito abrangentes para a compreensão do processo de desenvolvimento e também para os modos e meios de promovê-lo. O processo precisa incluir a eliminação da privação, então Amartya distribui em cinco categorias as liberdades instrumentais cruciais: (SEN, 2000, p.55)

(1) Liberdade política: Amplamente concebidas referem-se as oportunidades que as pessoas tem para determinar quem deve governar e com base em que princípios, poder fiscalizar e criticar as autoridades através de uma imprensa livre. (SEN, 2000, p.55)

(2) Facilidades Econômicas: são as oportunidades que os indivíduos tem para utilizar recursos econômicos com propósito de consumo, produção ou troca. (SEN, 2000, p.55)

(3) Oportunidades Sociais: são as disposições que a sociedade estabelece nas áreas de educação, saúde, etc, que influenciam nas liberdades substantivas. (SEN, 2000, p.55)

(4) Garantias de transparência: Refere-se as necessidades de sinceridade que as pessoas podem esperar, liberdades de lidar uns com os outros sob garantias de dessegredo e clareza. (SEN, 2000, p.55)

(5) Segurança Protetora: é necessária para proporcionar uma rede de segurança social, impedindo que a população afetada seja reduzida a miséria objetiva e em alguns casos até mesmo a fome e a morte. (SEN, 2000, p.55)

No capítulo três Amartya trata sobre o tema bem estar, utilizando renda e mercadoria como a base do bem estar, o autor começa mostrando que existe uma complexidade bem extensa em tratar o tema bem estar já que para considerar desta forma seria necessário estar observando fontes distintas de variação como heterogeneidade pessoal: características físicas dispare, relacionadas a incapacidade, doença, idade ou sexo; Diversidades ambientais: variações nas condições climáticas, que podem incluir necessidades de se aquecer ou necessidade de renda para combate de doenças infecciosas em locais mais quentes; Variações do clima social: Os serviços públicos que são oferecidos e suas eficácias; Diferenças de perspectivas relativas: Necessidade de mercadorias relacionadas a padrões comportamentais, podem interferir no respeito próprio ou podem impedir que se torne um individuo participativo na comunidade; Distribuição na família: A distribuição intrafamiliar da renda pode ser um grande diferencial para entender como as necessidades de cada indivíduo é atendida. Por isso a renda não pode ser tratada como única fonte de bem estar, claro que esta ligada ao bem estar já que a falta da mesma leva as privações, mas a análise correta, na opinião do autor é que para muitas finalidades avaliatórias, o espaço apropriado não é o das utilidades , nem o dos bens primários , mas o das liberdades substantivas, as capacidades, de escolher uma vida que se tem razão para valorizar. (SEN, 2000, p. 90-92)

A capacidade de uma pessoa consiste nas combinações alternativas de funcionamentos cuja realização é factível para ela, portanto a capacidade é um tipo de liberdade: a liberdade substantiva de realizar combinações alternativas de funcionamento.

Quando nos concentramos nas liberdades ao avaliar o desenvolvimento não estamos sugerindo que existe algum "critério" de desenvolvimento único e preciso segundo o qual as diferentes experiência do desenvolvimento sempre podem ser comparadas e classificadas. Dada a heterogeneidade dos componentes distintos da liberdade, bem como a necessidade de levar em conta as diversas liberdades de diferentes pessoas, frequentemente haverá argumentos em direções contrárias. A motivação que

fundamenta a abordagem do “desenvolvimento como liberdade” não consiste em ordenar todos os estados – ou todos os cenários alternativos – em uma “ordenação completa”, e sim em chamar a atenção para aspectos importantes do processo de desenvolvimento cada qual merecedor de nossa atenção. Mesmo depois de atentar para isso, sem dúvida restarão diferenças em possíveis rankings globais, mas sua presença não prejudica o objetivo em questão. (SEN, 2000, p.49)

Amartya também desenvolve uma análise sobre capital humano e capacidade humana, colocando que ambos colocam o ser humano no plano principal, ambas as visões estão ligadas pois se preocupam com o potencial efetivo que os humanos podem realizar e adquirir, e mesmo com algumas diferenças entre as duas visões, o primeiro tendendo para a capacitação para a produção e o segundo focando mais no desenvolvimento social, ainda assim ambas as visões podem levar ao mesmo ponto, a importância do desenvolvimento como liberdade.

Sen defende que a abordagem para o desenvolvimento através da liberdade deve ser múltipla:

As razões para uma abordagem múltipla do desenvolvimento tornaram-se mais claras em anos recentes, em parte com resultado das dificuldades enfrentadas e dos Êxitos obtidos por diferentes países ao longo das últimas décadas. Essas questões relacionam-se estreitamente à necessidade de equilibrar o papel do governo – e de outras instituições sociais – com o funcionamento dos mercados.

Essas questões também indicam a relevância de uma “estrutura de desenvolvimento ampla”, como a exportada pelo presidente do banco mundial, James Wolfensohn. Esse tipo de estrutura envolve rejeitar uma visão compartimentada do processo de desenvolvimento (por exemplo, optar pela “liberalização” ou por algum outro processo único que leve diretamente a uma meta traçada). A busca de uma solução única e multiuso (como por exemplo “abrir os mercados” ou “ajustar os preços”) influenciou acentuadamente o pensamento dos economistas do passado, destacando-se os do próprio Banco Mundial. Em vez dessa espécie de solução, é preciso haver uma abordagem integrada e multifacetada, visando a um progresso simultâneo em diferentes frentes, incluindo diferentes instituições que se reforçam mutuamente. (SEN, 2000, p.152)

"O desenvolvimento é realmente um compromisso muito sério com as possibilidades de liberdade " (Amartya Sen, 2000, p.337)

18.ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO (IDH)

O IDH é uma medida que complementa o PIB (Produto Interno Bruto) como indicador de desenvolvimento, através do RDH (Relatório de Desenvolvimento Humano) apresentam-se os índices do desenvolvimento, este relatório é reconhecido pela ONU (Organização das Nações Unidas) como um exercício intelectual independente, e uma ferramenta muito importante para aumentar a conscientização sobre o desenvolvimento humano, a premissa inicial deste relatório é de que as pessoas são a verdadeira riqueza das nações, estes relatórios são publicados pela PNUD (Programa de Nações Unidas para o Desenvolvimento). (<http://www.undp.org/content/brazil/pt/home/idh0.html>)

Os idealizadores do RDH, emitido pela primeira vez em 1990, foram Amartya Sen e Mahbul UI Haq, no início da década de 1970 meios acadêmicos reconheceram que as questões básicas relativas a desigualdade sociais e pobreza não estavam sendo equacionadas como resultado do crescimento econômico, nesta época adotou-se a ótica de criar indicadores que refletissem resultados efetivos em termos de qualidade de vida. O objetivo era estabelecer comparação entre os países e monitorar o progresso no atendimento as necessidades básicas da população ao longo do tempo, as linhas de raciocínio para a criação deste índice ocorreram em várias direções, mas principalmente duas, por um lado os autores tentaram ajustar o indicador de produto da contabilidade nacional para utilizá-lo com medida de bem estar social, utilizando a imputação de itens para o índice como o lazer, e deduzindo outros índices como os gastos em defesa e segurança, ou ainda criando o calculo através da paridade do poder de compra, na segunda linha de raciocínio alguns pesquisadores passaram a deduzir um índice, novo, capaz de medir a qualidade de vida, para essa criação Amartya e Mahbul tiveram grande contribuição, e assim nasceu o conceito de desenvolvimento humano definido como um processo das escolhas das pessoas para que elas tenham capacidades e oportunidades para ser aquilo que desejam ser. (<http://www.undp.org/content/brazil/pt/home/idh0.html>)

O IDH que vem sendo divulgado pelo PNUD é o resultado de debates e da contribuição de diversos pesquisadores, com o passar dos anos esse índice foi

sendo refinado, embora o desenvolvimento humano se dê em múltiplas dimensões, o índice retém três como fundamentais: longevidade, educação e renda, essas dimensões abrem para outras dimensões, assim é possível capturar algumas nuances, por exemplo: a primeira dimensão é a possibilidade de uma vida longa, o que implica em condições de saúde, que por sua vez se relaciona com nutrição e saneamento; A segunda dimensão esta associada a possibilidade de obter conhecimento, isso se mostra por indicadores educacionais, como taxa de alfabetização e taxa de matrícula; A terceira dimensão se refere a disponibilidade de recursos auferida pela renda, o PIB per capita, após o calculo da paridade do poder de compra. (<http://www.undp.org/content/brazil/pt/home/idh0.html>)

Os cálculos do IDH não esgotam as possibilidades de medida para o desenvolvimento humano, mas trazem luz a uma medida a partir da qual é possível pensar políticas publicas, o IDH varia entre 0 e 1, sendo que os valores mais altos indicam níveis superiores de desenvolvimento humano, com um IDH menor do que 0,500 o país é considerado com baixo desenvolvimento humano, com um IDH entre 0,500 e 0,800 é considerado um país com nível médio de desenvolvimento humano, e um IDH acima de 0,800 é classificado como um país de alto desenvolvimento humano, o IDH também pode ser utilizado para medir regiões e não apenas em países. (<http://www.undp.org/content/brazil/pt/home/idh0.html>)

O IDH conta com outros índices que o ajudam a se aproximar da medida exata do desenvolvimento humano: o Índice de desigualdade de Gênero (IDG), que reflete as desigualdades entre os gêneros no âmbito da saúde reprodutiva, autonomia e atividade econômica, o Índice de Desenvolvimento Humano Ajustado a Desigualdade (IDHAD), que analisa a perda de um potencial desenvolvimento humano, e o Índice de Pobreza Multidimensional (IPM), que observa a escassez múltipla em educação, saúde e padrão de vida da população. (<http://www.undp.org/content/brazil/pt/home/idh0.html>)

O IDH apresenta um calculo dos primeiros dois parâmetros, saúde e educação através de uma média aritmética entre o maior e o menor, mas para o calculo da renda o resultado é feito de forma diferente, já que se considera a renda com rendimentos decrescentes, uma das grandes críticas feitas ao IDH é o fato de

que ele não considera nenhum fator ambiental em sua análise, e esses fatores tem encontrado grande peso inclusive no produto interno bruto de alguns países, como a China que perde com a poluição do ar, a América do Sul com a pecuária, os custos do efeito estufa, a Índia com a extração de carvão, entre outros, além de não considerar as externalidades. O IDH também recebe críticas por se tratar de um índice, com uma armadilha para os países pobre e um Bônus para os países ricos, nos quais os primeiros não conseguem se deslocar no ranking do índice por necessitarem de investimentos massivos e a longos prazos para melhorar principalmente os índices de saúde e educação, o que leva tempo e precisa ser mantido como politica publica permanente, onde até mesmo a forma de governo, no caso de países autoritários, ou a troca dele, no caso de democracias, pode mudar este investimento e manter o país estagnado no ranking, e com relação aos países ricos, a percepção de áreas que precisariam de mais investimento, mas ainda assim os países alcançarem resultados quase perfeitos. (<http://www.undp.org/content/brazil/pt/home/idh0.html>)

19.FELICIDADE INTERNA BRUTA

O desenvolvimento humano é algo muito mais complexo do que apenas saúde, escolaridade e renda, a felicidade de certa forma sempre estará atrelada a sua capacidade de acessar alguns serviços sociais, mas também estará ligada, a sua sanidade mental, sua capacidade de auto sustentabilidade, suas ideologias e sua cidadania, para que a nação se desenvolva e necessário se investir no maior bem que ela possuem e no caso do FIB são as pessoas e sua felicidade e colocada como a forma de medir o desenvolvimento do país.

O Rei do Butão Jigme Singye Wangchuk acredita que a felicidade esta acima da produtividade, para ele a população deveria se preocupar com o desenvolvimento humano enquanto o governo se preocupava em promover condições de vida suficientes. Em 2012 foi publicado um estudo intitulado: “Uma extensa analise do índice de felicidade interna bruta”, essa analise foi realizada pelo centro de estudos do Butão, nesta analise apresenta-se a criação deste novo índice e seus indicadores. (<http://www.felicidadeinternabruta.org.br/>)

Para a criação do FIB foi levado em consideração o conceito multidimensional analisando 4 pilares:

- 1.Sustentabilidade e desenvolvimento econômico igualitário;
- 2.Conservação do meio ambiente;
- 3.Preservação e promoção da cultura local
- 4.Boa Governança

Os índices menores criados dentro do índice FIB que contemplariam esses pilares são:

- 1.Bem estar psicológico;

Chegasse aos parâmetros através de uma avaliação psicológica que leva em consideração questões emocionais e a satisfação, além do bem estar de forma geral, são avaliadas as emoções de forma positiva e negativa, essa avaliação é feita por meio de perguntas, alguns exemplos seriam: Quão satisfeito você esta com seu

relacionamento familiar? Durante as ultimas semanas quantas vezes você sentiu inveja? As respostas são avaliadas com uma nota de 1 a 5 sendo 1 muito insatisfeito e 5 muito satisfeito. Também é avaliado neste quesito a espiritualidade. Os critérios tem o seguinte peso: satisfação com a vida 33%; emoções positivas 33%; emoções negativas 33%; espiritualidade 17%. (<http://www.felicidadeinternabruta.org.br/>)

2.Saúde;

O tema saúde é muito importante, o que diferencia o FIB neste critério é que vai muito além de expectativa de vida, ou da existência de doenças, olha não só para o lado físico, mas também o lado mental, este critério é desdobrado em quatro outros critérios: Auto-avaliação da saúde, numero de dias saudável, incapacidade de longo prazo e saúde mental. Os critérios tem os seguintes pesos: Auto-avaliação 10%; Dias saudáveis 30%; Incapacidade de longo prazo 30%; Saúde mental 30%. (<http://www.felicidadeinternabruta.org.br/>)

3.Educação;

É unanimemente aceito que a educação contribui para o desenvolvimento, a grande diferença para a questão deste índice é que qualquer tipo de conhecimento entra no conceito de educação, são considerados quatro indicadores: literatura, uma pessoa é considerada apta se consegue ler e escrever em ao menos uma das seguintes línguas: Inglês, Dzongkha ou Nepalês; Qualificação educacional, o Butão tem três tipos de sistema educacional, o formal o informal e o Monastico, é preciso ter estudado pelo menos 6 anos em um destes sistemas; conhecimento, neste critério tudo que a pessoa aprendeu sobre cultura, em casa, com familiares, levando em consideração os temas, lendas e histórias locais, festivais, musicas tradicionais, transmissão de HIV e da Constituição do Butão; Valores, os valores, como ética, responsabilidade, moralidade, entre outros. Os critérios tem os seguintes pesos: Alfabetização 30%; Escolaridade 30%; Conhecimento 20% e Valores 20%. (<http://www.felicidadeinternabruta.org.br/>)

4.Resiliência e diversidade cultural;

Para o Butão, preservar a cultura do país é algo muito importante, já que o país fica entre a China e a Índia, e por isso sofre grande impacto dessas suas

potências, por isso os critérios neste contexto são, falar uma das línguas nativas do país, participar sócio-culturalmente, e fazer o caminha da harmonia, na forma de se vestir de se comportar. Os critérios tem os seguintes pesos: Habilidade Artística 30%; Participação Cultural 30%; Fluência na Língua Nativa 20% e Caminha da Harmonio 20%. (<http://www.felicidadeinternabruta.org.br/>)

5.Uso do tempo;

Para o índice FIB o balanço do tempo é muito importante para uma população mais feliz, o tempo gasto com atividade remunerada deve ser igual o tempo onde se é possível dormir ou fazer quais atividades não remuneradas, como comer, rezar e amar, a carga máxima de trabalho aceita pelo ministério do trabalho e recursos humanos é de 40 horas semanais, e não se fazem distinções entre trabalho formal e informal, rural e urbano, mesmo tendo ciência de que é muito menos possível medir essas horas no trabalho no campo e muito provável que se trabalhe muito mais. Os critérios tem o seguinte peso: Trabalho 50% e Dormir 50%. (<http://www.felicidadeinternabruta.org.br/>)

6.Boa governança;

Segundo a constituição do Butão, o governo deve proteger e fortalecer a soberania do reino, promover uma boa governança, assegurar a paz, segurança, bem estar e felicidade da população. É dada importância para participação política, ou seja o direito de votar, para os encontros da comunidade, as liberdades políticas, o direito de dar sua opinião, a satisfação da população com relação aos serviços prestados pelo governo. Os critérios tem o seguinte peso: Participação Política 40%; Serviços 40%; Performance do Governo 10% e Direitos fundamentais 10%. (<http://www.felicidadeinternabruta.org.br/>)

7.Vitalidade da Comunidade;

A vitalidade da comunidade é basicamente o relacionamento que existe entre os indivíduos de uma comunidade, uma comunidade viva pode ser descrita como um grupo de indivíduos que se apoia e interage de forma positiva, são considerados o apoio social, ou seja o tempo prestado com serviço comunitário, o relacionamento comunitário que busca verificar o sentimento de uma pessoa com

relação a sua comunidade, sentimento de pertencer a comunidade de confiar, a família, se o indivíduo se sente pertencente de sua família, se eles se importam uns com os outros, e sobre o vitimismo com relação a crimes, se o indivíduo se sente em segurança em sua comunidade. O Peso dos critérios é Doação e caridade 30%; Segurança 30%; Relacionamento Comunitário 20% e Família 20%. (<http://www.felicidadeinternabruta.org.br/>)

8. Resiliência e Diversidade Ecológica;

No Butão é considerado primordial proteger o meio ambiente, e não apenas proteger, mas preservar e respeitar, para isso são considerados também os fatores: Poluição, responsabilidade ambiental, impactos ao meio ambiente, trânsito, espaços adequados, expansão urbana, colheitas, atividade dos animais selvagens, etc. Os critérios tem os seguintes pesos: Vida Selvagem 40%; Problemas Urbanos 40%; Responsabilidade Ambiental 10% e Problemas Ambientais 10%. (<http://www.felicidadeinternabruta.org.br/>)

9. Padrão de Vida;

A ideia de bem estar também é levada em consideração quando analisamos o bem estar material, são utilizados nesse índice os indicadores renda familiar, os ativos pertencentes as pessoas, como aparelhos de celular, televisão de cores, geladeira, maquina de lavar, propriedade de gados, de terras, a qualidade das habitações, tipo de banheiro, numero de pessoas por quarto. Os critérios tem os seguintes pesos: Renda da família 33%; Ativos 33% e Habitação 33%. (<http://www.felicidadeinternabruta.org.br/>)

Existem 4 níveis para avaliar a felicidade quanto a suficiencia: 1. Infeliz – 50% dos indicadores; 2. Estreitamente Feliz – 50 % a 66%; 3. Moderadamente Feliz – 66% a 76% e 4. Profundamente Feliz – 76%. (<http://www.felicidadeinternabruta.org.br/>)

No Butão acredita-se que este índice, criado desta forma, através de questões para ser respondida pela população pode dar uma visão do nível de felicidade no país, para a formulação do nível geral de felicidade os índices contribuem da seguinte forma: Bem estar psicológico 11,97%; Saúde 14,07%; Uso

do tempo 10,45%; Educação 9,06%; Diversidade cultural e resiliência 9,91%; Boa governança 9,32%; Vitalidade da comunidade 11,82%; diversidade ecológica e resiliência 12,11% e Padrão de Vida 11,27%. (<http://www.felicidadeinternabruta.org.br/>)

Como teoria matemática sobre a felicidade e o bem estar da população claro que é possível perceber que a implantação deste índice para outras áreas do mundo não seria tão simples quanto para um país menor como o Butão, mas isso nos faz questionar sobre o quão bom estariam os índices se ao invés do PIB olhássemos o FIB, em alguns países, mesmo aqueles com Renda per capita alta, a miséria em algumas regiões é tão expandida que o FIB daria uma visão menos distorcida, teríamos a possibilidade de verificar como a região se encontra e praticar políticas publicas voltadas aquela região, sem as distorções da concentração de renda. (<http://www.felicidadeinternabruta.org.br/>)

Há esperança é de que em alguns anos esse índice ganhe mais força e seja implantado em outras partes de mundo, que paremos que nos preocupar tanto com a produtividade das pessoas e nos preocupemos mais com a sua felicidade, há estudos que indicam que seres humanos mais felizes produzem mais naturalmente, sempre em toda a história a produtividade foi aumentada pelo incentivo, temos exemplos claros da época em que ainda se utilizava a escravidão, a produtividade era baixa, os custos altos, se as políticas se tornassem mais voltadas para o aumento da felicidade poderíamos ter como reflexo direto um aumento do capital humano, um aumento da longevidade, uma nova mudança na pirâmide etária populacional, estaríamos nos distanciando das altas taxas de suicídio e das altas taxas de doenças mentais e emocionais. (<http://www.felicidadeinternabruta.org.br/>).

As teorias da felicidade tiveram um desdobramento para uma forma de calculo que pudesse estimar a felicidade dos indivíduos pertencentes a uma sociedade, mas para contrapor essa teoria surge Kahneman, demonstrando que a forma de calculo não era tão confiável pelo fato de que as respostas tendiam a estar enviesadas.

20. DANIEL KAHNEMAN

As teorias de Daniel Kahneman são o que temos de mais atual na área de economia comportamental, claro que ainda existem outras teorias que estão sendo discutidas e apresentadas ao mundo em formato de publicação, mas a teoria de Kahneman em 2002 recebeu um nobel, o que indica que não só teve grande aceitação entre os estudiosos como também representou um marco na disciplina.

Para Kahneman o objetivo principal em seu livro era apresentar uma visão de como a mente funciona baseando-se em progressos recentes no estudo da psicologia cognitiva e social, era compreender os prodígios e também as falhas do pensamento intuitivo.

Antes de apresentar a teoria de: “Rápido e Devagar” é importante salientar a importância com relação à pesquisa e a publicação de outro trabalho anterior ao livro chamado “Julgamento sobre incertezas: Heurística e Vieses” (KAHNEMAN, 2012,p. 524-539), foi o ponto inicial para o desenvolvimento da teoria que será discutida aqui. No trabalho sobre incertezas Existe a coparticipação de outro pensador e escritor chamado Amos Tversky, este segundo Kahneman teve grande participação e influência sobre a publicação do trabalho, (KAHNEMAN, 2012,p.18-19),ainda segundo Kahneman Amos era o pensador mais lógico, com uma orientação para a teoria e um senso de direção infalível enquanto ele sempre fora o mais intuitivo e enraizado na psicologia da percepção. (KAHNEMAN, 2012,p.19)Foram anos de colaboração entre os dois até chegarem a um ponto em que o trabalho estivesse pronto a ser apresentado ao mundo. Através de experimentos os dois autores falam sobre as Heurísticas e os vieses da mente: Na Heurística da Representatividade eles descrevem experimentos onde demonstram que as pessoas são insensíveis a probabilidade dos eventos, mesmo quando colocadas a diante de questionamentos que tem como ponto de partida informações relevantes, ou quando apresentadas a questionamentos sem informação nenhuma. (KAHNEMAN, 2012,p.525-533) Na Heurística da Disponibilidade os indivíduos partem de pontos evocados em sua própria memória ou sobre sua própria vivência para calcular e determinar quais as probabilidades de alguns eventos ocorrerem, desta forma criando vieses. (KAHNEMAN, 2012,p.530-533). Na Heurística da Ancoragem os indivíduos ancoram

suas estimativas em um ponto de partida e ajustam os resultados finais viesado para o ponto inicial. (KAHNEMAN, 2012,p.533-536)

No livro “Rápido Devagar” Kahneman descreve o que ele intitula como bem estar experimentado, ao descrever o caminho necessário para responder a esta questão o autor antes cria sua teoria a partir dos dois EUS, estes são o EU Experiencial e o EU Recordativo, na descrição dos EUS ele demonstra que ser humano tem uma forte tendência a se lembrar de episódios segundo o seu EU recordativo, que se lembra do episódio considerando os picos que ocorreram durante os processos, seja de dor ou de prazer e se lembrando de forma mais clara ainda do final do experimento, ou seja, pessoas tem a tendência viesada de se apegar a esses episódios que na maioria das vezes não leva em consideração a duração dos experimentos e sim os ápices do mesmo. O Eu experiencial é responsável por viver os momentos no momento em que eles ocorrem, mas algumas pessoas pelo seu fadado viés no Eu recordativo simplesmente não se importam com o Eu experiencial. (KAHNEMAN, 2012,p.484)

Para ilustrar de forma simples essas experiências com o EUs, o escritor cita dois exemplos, no primeiro exemplo seleciona um grupo de indivíduos e verifica através de relatos como foram sua férias e qual a nota final dada por eles para esta experiência, depois lhes pergunta se voltariam a repetir as férias, a maioria que deu uma nota final as férias voltaria a repetir mesmo quando as notas diárias não haviam sido boas, então ele pergunta e se no final das férias todas as fotos e vídeos fossem ser destruídos e além disso fossem dar uma poção que causasse amnésia e apagaria todas as lembranças da viagem, ainda assim quantos a fariam ? A próxima pergunta é quanto as pessoas estariam realmente dispostas a pagar para férias que fossem desta forma completamente esquecíveis, tirando o tom de férias inesquecíveis que as pessoas normalmente usam para se apegar a esses momentos. As respostas às quais os pesquisadores chegam é que algumas pessoas nem mesmo se dariam ao trabalho de ir, e que a eliminação das lembranças reduz enormemente o valor das experiências, outras pessoas ainda indicam que nem mesmo mandariam outras pessoas para esta experiência, demonstrando assim que se importam apenas com seu Eu recordativo e não com seu Eu experiencial. (KAHNEMAN, 2012,p.485-487).

O Segundo experimento, ao qual as pessoas são levadas a analisar, é o de que elas teriam de fazer uma cirurgia, durante esta cirurgia não seria usada nenhuma forma analgésica e nem anestésica, e que eles provavelmente gritariam na mesa durante os momentos da cirurgia, o seu Eu experiencial seria praticamente torturado e a experiência seria completamente dolorosa e desagradável, mas após o procedimento eles seriam induzidos por drogas a esquecer deste momento. As respostas, de um numero considerável de pessoas é a de que não dão importância para este fato, ou seja, contanto que não se recordem podem viver a experiência da tortura, e inclusive veem a si mesmos da forma como veriam a um estranho, desconsiderando que ambos os Eus são parte de um mesmo indivíduo. (KAHNEMAN, 2012,p.486-487)

Ao iniciar sua pesquisa sobre o bem estar experimentado o autor inicia mostrando que essa medida normalmente era conseguida através do Eu recordativo, com perguntas como: “Tudo considerado, até que ponto você esta satisfeito com sua vida como um todo hoje em dia?”. Mas com os experimentos ele havia chegado a um ponto em que o Eu recordativo não era uma opção confiável como medida do bem estar, então ele se concentra no bem estar experiencial, e cria uma forma de estudo para medir esse bem estar, ele chega a conclusão de que um registro contínuo seria impossível, já que uma pessoa não consegue viver normalmente se fica o tempo todo relatando suas experiências, a felicidade não suporta interrupções, então cria um dispositivo, para o celular, onde em intervalos aleatórios toca um bip, e a pessoas precisa responder algumas perguntas rápidas e escalas de classificação para relatar a intensidade de sentimentos. Esse experimento mesmo por amostragem é uma experiência dispendiosa e onerosa, embora não seja uma experiência tão incomoda para os participantes, esta não envolve dor, e as perguntas são rápidas e de fácil resposta. (KAHNEMAN, 2012,p.489-496)

Como o método se mostrou muito oneroso foi criado um novo método chamado Método da reconstrução do dia DRM (Day Reconstruction Method) onde varias mulheres descreviam como havia sido o dia, com quem haviam estado, descrevendo o dia como cenas de um filme, depois respondiam a perguntas sobre os episódios, depois classificavam a intensidade de diversos sentimentos. Depois disso os episódios eram classificados como positivos ou negativos, como os

episódios não eram compostos por apenas um tipo de emoção, eram somados os sentimentos positivos e negativos e depois de contra postos o que tivesse maior representatividade no episódio o classificava, assim era possível calcular qual a porcentagem do tempo em que as mulheres passavam em situações desagradáveis, e para esta porcentagem em desagrado os pesquisadores deram o nome de U, este índice U tem como positivo o fato de que é uma medida objetiva de tempo, além de ser um índice que pode ser utilizado para coisas mais objetivas. (KAHNEMAN, 2012,p.490-496)

Segundo Kahneman os resultados aos quais eles chegaram durante a formulação do índice U trazem implicações tanto para os indivíduos quanto para a sociedade, o uso do tempo é algo muito importante, e tem impacto direto sobre a felicidade, e estudos nacionais combinados de uso do tempo e bem estar experimentado podem determinar as políticas sociais de múltiplas maneiras, a meta das políticas publica deve ser a redução do sofrimento humano. Objetivamente um índice U mais baixo na sociedade, por isso lidar com a depressão e a pobreza extrema deve ser a prioridade. O modo mais fácil de aumentar a felicidade é fornecer meios para que as pessoas controlem o uso do tempo e incentivar ao uso mais consciente. (KAHNEMAN, 2012,p.490-496)

No capítulo pensando sobre a vida, o autor através de estudos randomizados, chega a seguinte constatação, quando perguntados sobre a vida, os indivíduos tendem a dar respostas que não condizem com a realidade. Neste estudo os pesquisadores estão interessados em saber o que acontece dentro da cabeça das pessoas quando lhe fazem perguntas como: “Até que ponto você esta feliz hoje em dia.”; “você esta satisfeito com sua vida como um todo?; Essas perguntas tem um alto grau de dificuldade, esse calculo exige que se coloque a parte que pensa devagar em uso e se reflita sobre muitos pontos em questão, mas por se tratar de uma pergunta em um questionário a parte que pensa rápido ocupa o lugar da pergunta com uma que parece mais simples e a resposta final é claro estará distorcida e viesada, é como se as perguntas anteriores fossem transferidas para algo mais como: “ Como você se sentiu na ultima semana?”;ou ainda pior “ Como você esta se sentindo hoje?”. (KAHNEMAN, 2012,p.498-500)

Os questionários sobre a vida também tem uma implicação com o que esta sendo abordado antes, quando você pergunta a um indivíduo quantos encontros ele teve na ultima semana e logo depois lhe questiona qual o grau de felicidade que ele supõem estar experimentando em sua vida, o individuo tende a associar a felicidade com os relacionamentos e responder a pergunta segundo como ele acha que esta se saindo neste tema. Assim como esse viés também é percebido quando se coloca uma situação anterior a pergunta em que o indivíduo acredita acabar por um momento de sorte, o pesquisador Norbert Schwarz mostra isso no experimento da moeda de dez centavos sobre a maquina, onde metade dos entrevistados encontra uma moeda e suas repostas ficam positivamente enviesadas se comparadas às respostas dos entrevistados que não encontraram, propositadamente, a moeda. Ainda para esses experimentos de respostas relacionadas ao bem estar se consideram a disposição genética do temperamento para o bem estar, tanto relacionadas a satisfação com a vida como relacionadas a felicidade vivenciada, mostrando que isso é herdado geneticamente como altura ou inteligência. (KAHNEMAN, 2012,p. 132-134)

Todos os pontos encontrados sobre vieses relacionados a respostas sobre a vida e sobre o bem estar geral nos fazem sentir um frenesi com relação a se esta forma de analise é realmente válida.

Para o autor, uma teoria do bem estar que ignore o que as pessoas querem não pode se sustentar. Por outro lado, uma teoria que ignore o que de fato acontece na vida das pessoas e se concentre exclusivamente no que elas pensam sobre suas vidas tampouco é defensável. (KAHNEMAN, 2012,p. 512)

21. CONCLUSÃO

Ao analisarmos as teorias econômicas que versam sobre a felicidade, chegamos à conclusão de que a felicidade é um tema que quanto mais estudado mais complexo se torna. Assim como estudar a mente humana é algo de extrema complexidade, e que só se tornando possível conforme o avanço dos equipamentos necessários para este estudo, estudar a felicidade é estudar não apenas a mente humana, mas também seu desenvolvimento, suas ações, seus pressupostos, suas escolhas e sua racionalidade.

As capacidades, as habilidades e as potencialidades são o que torna a mente humana tão atraente, estamos a gerações tentando entender e enquadrar as ações e pensamentos humanos à categorias, gráficos, teorias e teoremas. Tentando enquadrar o pensamento em explicações que definam a maioria, que expliquem, ações e reações a políticas específicas.

O êxito a que se chega é grande, os autores não apenas conseguem revolucionar a economia e as teorias, eles conseguem, cada um a sua própria forma, explicar o comportamento humano, criar uma teoria sobre a funcionalidade humana, como nos comportamos frente a questões econômicas, como buscamos a felicidade e qual a forma de encontrá-la.

Claro que se tratando de vários autores diferentes, em várias épocas diferentes, não poderíamos esperar que todas as teorias fossem iguais, não apenas a época em que escreveram surtiu nuances em seus trabalhos, mas também as influências as quais foram expostos, pelos trabalhos que os precederam, pelos autores que criaram cenários diferentes dos quais escrevem, a influência de um autor sobre o outro, marca um período de análise e credibilidade, ou um período de distanciamento e criação inovadora, tanto de uma forma quanto de outra, o conhecimento é ampliado, seja pela defesa, ou pela crítica, a história se escreve, e as teorias se completam, de fato, mesmo nos mais grotescos erros, se ganha na experiência, na criação acadêmica, muitos teóricos escrevem e posteriormente passam a rejeitar suas teorias, assim como muitos a defendem até o túmulo, o importante é que se crie, e se permita um debate sobre as teorias, o tempo mostrará sempre quais serão aceitas, perpetuadas e difundidas.

Ainda com relação às teorias não existe um Script pronto ao qual os autores devem responder, não há uma forma certa ou errada de criar uma teoria, mas a capacidade da teoria de sobreviver ao tempo esta diretamente ligada a capacidade do autor de responder as perguntas certas, mas não necessariamente há uma resposta considerada correta.

Todos os autores citados neste trabalho fizeram algum tipo de contribuição para o tema felicidade, alguns contribuindo de forma mais completa, outros com pequenas contribuições, é claro que ainda existem muitos que fizeram contribuições, mas este trabalho não tinha como finalidade esgotá-los, além de autores na área da economia, também se tem muitos autores em outras área que se dedicaram a este tema, como sociologia, psicologia, história, etc.

A questão da Felicidade é essencialmente o que define o ser humano, todos estamos em busca da felicidade, e há muitas formas de alcança-la, seja através da satisfação de nossos sentidos, seja através da satisfação de nossas necessidades, ou ainda através de uma revolução. A felicidade é um objetivo, e como objetivo existem formas de busca-lá. Todos somos livres para buscar nossa felicidade, e a felicidade de cada um pode ser definida através de suas expectativas.

Na área de economia a felicidade, ou a busca pela felicidade, muitas vezes de dá de forma mais ampla, não apenas considerando a felicidade individual, mas também a felicidade coletiva. A felicidade coletiva em alguns momentos acarreta para a felicidade individual certas limitações, no entanto, a felicidade coletiva visa distribuir os meios e as fontes de felicidade, tornando essas fontes alcançáveis a todos.

A felicidade é, e sempre será um forte tema para análise, além de ser um tema que sempre estará em desenvolvimento, assim como as formas de comércio e produção de moeda, as formas de calculo, os instrumentos e as ciências sociais sempre estarão em desenvolvimento, a busca pela felicidade também estará.

As realizações humanas com relação a felicidade podem estar ligadas em quem o ser humano se tornou, assim como podem estar ligadas em o que ele construiu, ou conseguiu, nossa felicidade pode ocorrer no desenvolvimento de nossas habilidade ou no desenvolvimento de nossos bens, a busca pela riqueza também pode ser associada de uma forma ou de outra a busca pela felicidade, já que a riqueza, a renda, nos tornam capazes de saciar as nossas necessidades, além

de criarem liberdade para o nosso desenvolvimento através do acesso aos serviços mais básicos, ao acesso as tecnologias, entre outras coisas.

Ao estudar a felicidade, notamos que os autores mesmo divergindo em alguns pontos, sempre concordam em outros, e o que todos concordam é que o tema em questão tem muita importância, já que não se prestariam a escrever sobre o mesmo se este fosse desimportante.

A felicidade é essencial.

22.REFERÊNCIAS

SEM, Amartya Kumar . **Desenvolvimento como liberdade** / Amartya Sem; Tradução Laura Teixeira Motta; revisão técnica Ricardo Doniselli Mendes - São Paulo - Companhia das letras, 2000.Título Original - Development as freedom

GALBRAITH, John Kenneth. **O pensamento Econômico em perspectiva: Uma história Crítica** / John Kenneth Galbraith; Tradução de Carlos Afonso Malferrari - São Paulo - Pioneira: Editora da Universidade de São Paulo, 1989 (Coleção Novos Ubrais)

BIBLIA SAGRADA, Nova tradução na linguagem de hoje. Barueri (SP) Sociedade bíblica do Brasil, 2009 .

BRUE, Stanley L . **História do Pensamento Econômico**, tradução: Luciana Penteado Miquelino – São Paulo – Pioneira Thomson Learning. 2005

BENTHAM, Jeremy. **Uma Introdução aos Princípios da Moral e Legislação** : tradução Luiz João Baraúna. Sistema de lógica dedutiva e indutiva - São Paulo – Editora nova cultura, 1989 – (Coleção os pensadores)

NARLOCH, Leandro. **Guia Politicamente Incorreto da história do mundo** , editora Leya - (2015)

GEARY, James. **O mundo em uma frase : Uma breve história do Aforismo**, tradução de Claudia Martinelli Gama, Editora Objetiva , Rio de Janeiro – RJ (2007)

JEVONS, William Stanley. **A teoria da economia política** / Tradução: Claudia Laversveiler – Coleção Economistas, editora Abril Cultural – São Paulo – 1983

MENGER, Carl. **Princípios de economia política** / Com introdução de F. A Hayek - Tradução: João Baraúca – Coleção Economistas, editora Abril Cultural – São Paulo – 1983

NASAR, Sylvia. **A imaginação econômica: gênios que criaram a economia moderna e mudaram a história** – Tradução Carlos Eugênio Marcondes de Moura – 1ª edição – SP: Companhia das letras, 2012.

MARSHALL, Alfred. **Princípios de Economia**, coleção Economistas, Editora Nova Cultura – São Paulo – (1996)

MARX, Karl. **O Capital a crítica da economia política**, Coleção Economistas, Editora Nova Cultura – São Paulo - 1996

AQUINO, Santo Tomás de. **Suma de Teologia**, Tradução Damian Byrne – Provincias Dominicanas da Espanha - (1988)

MARX, Karl – **Manifesto do partido comunista** - Coleção grandes obras de pensamento Universal – Escala – 2007.

SMITH, Adam **A Riqueza das Nações**, Coleção Economistas, Editora Nova Cultura – São Paulo – SP. 1996

BELL, John Fred. **Historia do Pensamento Econômico**, tradução de Ciasone Rebua – Rio de Janeiro, Editora Zahar. 1961

KAHNEMAN, Daniel. **Rápido e Devagar: duas formas de pensar** / Tradução: Casio de Arantes Leite – Rio de Janeiro: editora Objetiva (Thinking, fast and Slow) 2012.

TEIXEIRA, Aloisio. **Utópicos, Heréticos e Malditos: Os percursos do pensamento social de nossa época** – organização de Aloisio Teixeira – tradução de Ana Paula Ornellas Maruriel – Rio de Janeiro – Editora Records – 2002

SILVA , Eduardo Rangel de Abreu e. **Felicidade Interna Bruta como medida de desenvolvimento**, – Curitiba /PR - 2013

<http://paxprofundis.org/livros/condorcet/condorcet.htm> (09/06/2016 13:00)

<http://www.undp.org/content/brazil/pt/home/idh0/conceitos/o-que-e-o-rdh.html>
(12/10/2016 22:00)

<http://www.felicidadeinternabruta.org.br/> (21/10/2016 22:00)

<http://www.visaofuturo.org.br/pdfs2/O%20Que%20%C3%A9%20o%20FIB%20-%20pdf.pdf> (21/10/2016 02:00)

<http://www.visaofuturo.org.br/pdfs2/Discurso%20do%20Primeiro%20Ministro%20do%20But%C3%A3o%20na%204a%20Confer%C3%Aancia%20Internacional%20do%20FIB,%20But%C3%A3o%202008.pdf> (21/10/2016 03:00)